

# BRASIL-PORTUGAL

1 DE MARÇO DE 1902

N.º 75



**JOSÉ BAPTISTA DE ANDRADE**

† A 26 DE FEVEREIRO DE 1902.

Almirante, Conselheiro de Estado, Par do Reino, oficial de marinha com tres postos por distincção

# O brigue "Corimba" em Angola

(1853)

Os dois presentes artigos foram escritos há quatro ou cinco annos, com o intuito de publicação immediata. Vaili me, para a sua publicação, de documentos officiaes contidos nos Archivos do Ultramar e do Almirantado — hoje Majoria General; e dos apontamentos que me foram amavelmente ministrados pelo fallecido vice-almirante Antonio de Souza Pereira de Sampaio, cuja memoria evoco com reconhecimento. Lidos os artigos ao principal lhetor dos epochicos narados, o almirante José Baptista de Andrade, este deu mais uma prova da sua notavel leção e modestia, instando comigo para que não os publicasse, embora as suas reminiscencias corroborassem de todo a narrativa. Offereço se agora um triste ensaio, pois que a morte do valente almirante se segue em intervallo a justissima glorificação do seu nome, e entendo que não devo furtar-me a publicidade, pelo interesse que me parece deveras despertar. Em minha consciencia, entendo que me cumpre apresental-os sem a minima alteração, taes como foram em tempo apreciados pelo morto emestade, que constitue uma das mais puras glorias da marinha portugueza no seculo XIX.

L. M.

I

**E**m começo do anno de 1853 cruzava nas aguas de Angola o brigue de guerra britannico «Harlequin», commandado pelo commander Arthur Parry Earlely Wilmot «senior officers» da divisão ingleza do Sul. Segundo o habito inveterado dos inglezes, valendo-se sobretudo das amplas facultades que lhe concediam os tratados anti-eslavagistas entre as duas nações, esse official não perdeu occasião de minar surdamente as pretensões portuguezas ao dominio da costa desde os 5° 12' aos 8° de latitude sul, e de embarçar a acção das nossas autoridades n'uma rede complicada de intrigas. Não raro, conforme testemunhos autorizados, este illustre representante da Inglaterra n'aquellas paragens desenvolvia as suas aptidões diplomaticas no meio das orgias e bambolotas a que se entregava na companhia dos sobas e chefes indigenas da costa, facia de persuadir pelos argumentos capitosos da frásqueira do commandante.

Favorecia o alem d'isso a exiguidade deploravel de força da estação naval portugueza, apenas então constituida pelos brigues «Serra do Pilar» e «Corimba» e pelas escunas «Conde do Tojal» e «Nymphas», sob o commando superior do segundo tenente Vicente Ferrer Barruncho, commandante do primeiro d'estes navios. E provavel que fosse esta a principal circumstancia que desse a Wilmot alentos para mais ostensivas hostilidades á soberania portugueza, contestada pelos inglezes apesar da letra dos tratados e da expressa doutrina da carta constitucional da monarchia, universalmente reconhecida pelas nações civilizadas.

A 16 ou 17 de janeiro, o capitão Wilmot contractava na Barra do Bengo, como interprete, o subdito portuguez Vicente Antonio Soares, o Cabo-Verde, o qual conhecia as linguas portugueza, ingleza e ubunda. Afin de obter licença para esse contracto, valera-se da simplicidade do chefe do conselho, accedendo a clausula de fazer confirmar essa licença pelo governador geral.

E escusado dizer que o astuto inglez falto a esse compromisso, obrigando desde logo o Cabo-Verde a embarcar com elle no vapor «Vulcanos» que seguia para Cabinda onde fundeou a 21 do mesmo mez.

Em carta dirigida ao rei e chefes de Cabinda, Wilmot convidou-os a assignarem um tratado com a Grã-Bretanha, ameaçando os, em caso de recusa, com o bloqueio do porto, destruição do povo e incendio das povoações, e excitando-os machucadamente contra os portuguezes, sobretudo os que residiam em Cabinda. Logo no mesmo dia, desembarcou com o interprete, e dirigiu-se á residência de Chico Franque, governa-

dor de Porto-Rico, indigena relativamente illustrado e intelligente, junto do qual fez as maiores instancias para a assignatura do tratado, cujo projecto previamente redigira. Chico Franque, amigo de Portugal, comprehendendo talvez intuitivamente as vantagens que para o indigena offerece o systema colonial portuguez sobre o absorvente systema britannico, não se moveu pelas persuasões, nem se intimidou pelas ameaças. Junto do rei de Cabinda, os esforços de Wilmot igualmente se malograram. Pelo que, os inglezes deixaram o porto no dia seguinte.

A 9 de fevereiro, porém, reaparecerem em Cabinda o vapor «Volcano», conduzindo o pertinaz Wilmot. Este desembarcou a 10 com o commander Coote, que commandava o vapor, mais seis officiaes, quatro soldados armados, um porta-bandeira e o inevitavel Cabo-Verde. Assestaram para outro lado as suas baterias. Tendo previamente reclamado uma audiencia do Mambuco Manloembco, vice-rei de Cabinda, dirigiram-se á residência d'este, a qual ficava a umas 25 milhas para o interior. Para ali haviam sido convocadas as autoridades da terra, que, depois de



O funeral do almirante José Baptista de Andrade  
O desfilor do prestilo

longos debates, se recusaram a assignar o tratado que Wilmot lhes propunha. Desanimado então pela inefficacia da sua eloquencia, o inglez recorreu, vergonha é dizel-o, á fraude.

Retirando-se as autoridades, ficaram os inglezes sósinhos com o Mambuco. Appellaram então para o meio extremo de persuasão — a aguarde — e no meio das lhibações repetidas, não lhes foi difficil convencer o Mambuco da conveniencia de lhes entregar um dos seus filhos menores para ser educado em Inglaterra. Para manifestar a adhesão do feliz pae, era indispensavel um documento por elle assignado. Apresentou-se portanto ao preto um papel que elle não teve duvida em firmar de cruz. Em seguida, os inglezes retiraram-se, levando do bordo o filho educando e deixando o pae bebado como um cacho.

Apenas chegados ao vapor, este salvou com 21 tiros para celebrar a assignatura do tratado, concluindo entre a poderosa Rainha da Grã-Bretanha e o vice-rei de Cabinda. E inutil acrescentar que fora sob o projecto, tantas vezes francamente rejeitado, que o ludibriado pretalho collocara inconscientemente a sua firma.

O commandante Wilmot escreveu immediatamente ao Chico Franque, communicando-lhe este feliz successo, appellando para os seus conhecimentos sobre o valor das convenções internacionais, convidando-o a seguir o exemplo do Mambuco e ameaçando-o com a coera da Grã-Bretanha se se recusasse a assignar o tratado. Depois do que, sahira de Cabinda, contentissimo com o bom exito da sua expedição. E logo no dia 12 de fevereiro participou ao governador geral de Angola que, em nome da Grã-Bretanha, assignara tratados para a extincção da escravidão e para outros fins de commercio e civilisação com os reis de Ganga Ianga e Cabo Lopes e com o rei de Cabinda. Concluiu expressando a sua confiança de que o governador «partilharia do prazer e da satisfação que aquellos tratados dariam indubitavelmente aos respectivos governos.»

Acabara de tomar posse do governo interior de Angola, em substituição do governador geral Antonio Sergio de Souza, o capitão de mar e guerra Antonio Ricardo Graça, que até então estivera commandando a estação naval. Era um official distinctissimo, cheio de energia e de patriotismo; não admira portanto que a audacia do commandante inglez, exacerbada pela transparente ironia do periodo final, fuisse profundamente o seu pundoor, como autoridade, e o seu orgulho, como portuguez.

Protestou pois energicamente contra o procedimento irregular de Wilmot, accentuando com habilidade os antigos direitos de Portugal sobre a parte da costa comprehendida entre os 5° 12' e 8° de latitude sul. E mandou immediatamente o brigue «Corimba» e a escuna «Conde do Tojal» para os pontos contestados, afim de vigiarem cautelosamente as manobras equivocas dos cruzadores inglezes.

Acresceu a força moral do governador portuguez com a chegada a Loanda de uma embaixada do rei de Cabinda, protestando a sua lealdade á coroa de Portugal e corroborando as noticias recebidas sobre a forma por que havia sido extorquida a assignatura ao Mambuco, no qual, como vice-rei, se negava a competencia para subscrever tratados.

Enquanto se debatiam por uma forma diplomatica entre as autoridades portuguezas e inglezas os direitos das duas corôas, o «Corimba»,



O funeral do almirante José Baptista de Andrade  
A' sahida de casa



O funeral do almirante José Baptista de Andrade

O piquete de cavalleria com as armas em funeral

comandado pelo segundo tenente, hoje almirante, José Baptista de Andrade, tratava de cumprir a sua espíhosa e importante comissão. Era este navio um pequeno brigue, de forma elegante, mas de construção imperfeita. Originariamente embarcação mercante, fora em 1848 capturada pelos navios da estação naval portuguesa na barra de Corimba, onde encalhou, vindo do Brasil para carregar de escravos. O navio transformaram em navio de guerra, modificaram para brigue a sua armação de polaca, fazendo-lhe perder as boas qualidades náuticas de que anteriormente gozava. Era guarnecido com 70 praças, o armado com 4 pequenas coronadas de ferro e duas peças de bronze de 12. Além do comandante, o seu estado maior compunha-se de um tenente, João de Souza Pereira de Sampaio, actualmente vice-almirante.

Tinha-se o «Corimba» feito de vela no dia 28 de fevereiro, e cruzava a 3 de março nas proximidades do Ambriz, onde se achava fundeado o brigue «Harlequim». Na vespera surgira perto d'este o transporte de guerra britânico «Atholl», e n'esse dia remira-se-lhes nas mesmas aguas o brigue-escuna «Spy». Todo este apparato naval tinha uma razão occulta que não devia ser conhecida a perspetiva das autoridades portuguesas. A 19 de fevereiro, fora publicado no «Boletim Official» da provincia, juntamente com os decretos de exoneração do antigo governador interino e da nomeação do novo, um trecho do relatório dos dois deputados ás cortes por aquella colonia, instando pela prompta occupação do Ambriz. Posto de sobrevoo a tal respeito pelo vice-consul inglez em Loanda, o senior officar da divisão britannica augmentara a sua vigilancia e a pretensão de fazer tratados n'um territorio que, pela letra das convenções que citava, pertencia sem sombra de duvida a Portugal. Na sua replica, o commandante inglez recusava-se a aceitar esta doutrina, affirmava o seu direito de celebrar tratados com o regulo do Ambriz, e allegava por ultimo que a força armada que desembarcava não passava de uma esculha de honra aos mafucos da terra.

Estas affirmações foram reiteradas pelo immediato do «Harlequim», o qual veio a bordo do «Corimba», descalçando-se novamente pelo desembarque da força e explicando que para elle se effectuar não se havia pedido venia, visto não haver na terra autoridade portugeza constituida. O commandante Andrade repetiu de viva voz as reivindicaciones sobre o dominio portugez na costa comprehendida entre os 8° e os 5° 12' de latitude meridional. Acrescentou que elle havia de manter até onde possesse os direitos do seu paiz e a honra da sua bandeira, embora visse de frente do Ambriz toda a poderosa armada da Grã-Bretanha. O officar inglez retirou-se então, prometendo que a sua marinhagem ia recolher a bordo sem demora, satisfazendo n'este ponto as reclamações do commandante portugez.

O reenbarque contudo só ponde effectuar-se á noite, por se achar a maioria das praças completamente embriagada. Não estava, segundo parece, em melhor estado o commander Wilmot, o qual foi trazido em braços até a praia. A sua forma idiosyncratica da embriaguez era manifestamente bellicosu, porque, chegando a bordo pelas 10 horas da noite, lhe sobreveio a extraordinaria ideia de fazer exercicio do artilheria, talvez para intimidar os portugezes. O que é certo é que 111 tiros, contados a bordo do «Corimba», acordaram os echos nocturnos da costa, cortando o susurro monotonu da caléna longinqua.

Mas não ficou satisfeito com esta experiencia das suas forças o commandante inglez. No dia seguinte pela manhã, appareo a distancia do seu navio um alvo fluctuante, com um signal azul e branco, cores nacio-

naes portugezas. O commandante Andrade quiz com razão ver n'este acto um proposito ostensivo de desconsideração e uma brava pueril, indigna de uma grande nação como a Grã-Bretanha. Entretanto pensou que devia fazer-se officialmente desentendido da significação deprimente de semelhante facto. Mas quiz no mesmo tempo mostrar bem claramente ao inglez que sabia responder com brío á injuria mal dissimulada, e provar-lhe que não recuaria perante todas as consequencias da sua legitima desaffronta.

Para isso, mandou construir outro alvo fluctuante onde estabeceu um signal com as cores bem visiveis da bandeira ingleza, sendo esta construção executada por forma que se percebesse claramente de bordo do navio inglez, que se achava próximo, e aguardou serenamente que conhecesse o exercicio de fogo do chefe inglez para romper da sua parte o tirocote sobre o alvo marcado com as cores britannicas.

O exercicio do inglez foi-se demorando contudo durante o dia inteiro. Anoticeem sem novidade alguma. Só na manhã seguinte é que romperam do «Harlequim» os primeiros tiros. Sobre o alvo portuz, nenhum signal se encontrava. O commander Wilmot, livrando-se do demora do facto, e segundo o parecer de João Baptista de Souza Neves, commandante da escuna, hoje vice-almirante reformado, renunciara a um movimento mesquinho de despeito, cujas consequencias poderiam tornar-se altamente funestas.

Rendido nas aguas do Ambriz pela escuna «Comde de Toljal», o commandante Andrade ainda antes de se fazer de vela respondeu ás considerações do commandante inglez com um protesto muito energico e devesamente, que o segundo tenente João Baptista de Souza Neves, commandante da escuna, hoje vice-almirante reformado, renovou pela sua parte com a mais louvavel hombridade.

Ainda d'esta vez, graças á attitude energica dos dois commandantes, que deram força moral ao rei do Ambriz, este soube resistir ás seduccões e ás ameaças, e as intrigas inglezas foram alli completamente inallgradadas.

O «Corimba» seguiu para o norte no dia 4 de março, fundeando em Cabinda depois de 36 horas de viagem. Encontrou a população irritadissima com o Mambuco Manilobema e em termos de o expulsar para o matto, em consequencia de se ter deixado cahir ingenuamente na cilada armada pelos inglezes.

O commandante portugez intercedeu porém com bom exito em favor do Mambuco, accusando os esforços empregados no mesmo sentido pelo Chico Franque. Este Chico Franque representava por esse tempo em Cabinda um papel preponderante, conquistando a sua posição official fosse secundaria. Inteligente e relativamente instruido, tendo passado muitos annos no Brasil, conhecedor dos costumes europens, este homem, simples governador subalterno de Porto-Rico, tomara tal ascendente sobre os seus patricios, inclusivamente reis e principes, que se podia considerar a autoridade mais effectiva do paiz. Estes principes, que antes governavam os povos de Cabinda, eram os capitães Maniute, Manibache, Maniaba e Manilobema, sendo este ultimo o Mambuco ou vice-rei. Além d'estas, havia na ponta sul da bahia de Cabinda uma povoação, governada por um potentado, por nome Francisco Manipecta, principe da Ponta, o qual tinha grande prosapia na sua gerachia de príncipes de sangue, descendente dos antigos reis de Cabinda. Este povoaçao reunia tinha com os outros capitães e com o Chico Franque, e havia mesmo serias desintelligencias entre elles e o Manipecta, por ser este ostensivamente affeiçãoado aos inglezes, cuja bandeira igava na sua cubata apenas algum navio d'aquella nacionalidade fundeava na bahia, festejando-os com presentes e convites.

Uma circumstancia porém dava a este potentado um grande prestigio entre os cabindas. Era a posse de um bastão, cuja influencia mysteriosa o tornava em fonte de bastos proventos para o feliç proprietario. Esta especie de bengala era formada por tres serpentes de prata, primorosamente cinceladas, enroscadas a todo o comprimento, e aguçando sobre as cabeças um castiço de ouro maciço. Corria fama que esse precioso bastão custára 1:200 pesos no Brasil, d'onde tinha vindo

O funeral do almirante José Baptista de Andrade  
O coche faneerario

[1] Correspondencia official ingleza no vol. Classe B — Slave Trade — 1853, pag. 387 passim.

nos outros tempos em que o tráfico de escravos florescia exuberantemente em Cabinda.

Mas ao seu alto valor intrínseco accrescia, na crença dos indígenas, a sua propriedade sobre natural de talismã contra as epidemias contagiosas. Quando n'algum lar cabinda se dava qualquer desintelligencia ou se chegava mesmo aos extremos do adultério, o queixoso ou queixosa alugava ao príncipe o magico bastão, até que a sua permanencia na casa contornada purificasse o delinquente e restabelecesse a paz domestica. Claro está que o pagamento do aluguer, em dinheiro ou fazendas, se graduava conforme o numero de dias de permanencia em casa do alugador, e que este numero era proporcional ao gravidade do facto ou da questão.

O juizo avultado que ao Maniacta rendia o valioso talismã induziu-o a não se desfazer d'elle por qualquer algema; ao passo que o prestigio, de que a sua posse o revestia, o tornava algo perigoso para a influencia portugueza, dadas as suas conhecidas sympathias pelos louros ilheus da alegre Inglaterra.

Contra o ardid de que fora victima por parte d'estes ultimos foi o proprio Mambuco Maniacta sempre espontaneamente protestou, solicitando do commandante Andrade uma reunião solenne a bordo do navio para desmentir na presença de todos e da maneira mais legal possível, a significação da assignatura que lhe fora caviosamente extorquida.

O commandante accedeu do melhor gráo ao pedido, convocando todos os capitães, príncipes e principaes cabindas para a reunião a seu bordo no dia 16 de março. Pelas 10 horas da manhã d'esse dia, foi o guarda-marinha Sampaio, de grande uniforme, na cabeça do commandante, buscar o vice-rei á sua povoação, denominada Pernambuco, duas milhas ao norte de Porto Rico. O negro potentado embarcou com toda a solemnidade, acompanhado pelas suas duas filhas, as principzas Azistona e Mantega, cujos nomes pareciam arrancados a um quadro de magica de Eduardo Garrido.

Seguia-o alem d'isso o seu medico, preto dotado de uma estupidez exemplar, cujo diploma scientifico se manifestava por um traço feio a tinta vermelha sobre a testa. As principzas vestiam tangas, e ostentavam nos braços e pernas uma grande quantidade de manilhas e, realçando na pretinha lizada do collo, muitos fios de missanga variada. Quanto ao Mambuco, cingia sobre a tanga uma farla assaz usada de pano verde, ornada de bordaduras nas costas e nas portinholas, a qual parecia ter pertencido a algum alto funcionario da diplomacia russa. Cobria-lhe a basta carapinha um d'esses curiosos barretes tecidos de finissima estera, vulgarmente chamados barretes de mufeca, por só pertencerem aos indígenas n'esta alta categoria, especie de conselheiros de estado.

Apena a canoa se approximo do "Corimbã", este embaudeiro com as nacionas de Portugal e com o seu companheiro salta de terra.

Mas logo ao primeiro, o Mambuco soltou um grito de pavor e succulpição ao guarda-marinha que o reconduziu á sua povoação.

O moço official, rindo-se dos seus terrores, tratou de serenar-lhe o animo e proseguiu até atracar ao portão do brigue. O Maniacta comtudo recusou-se tenazmente a subir para bordo, enquanto o commandante não desse a sua palavra de honra de que não daria mais tiros.

O espectáculo que, á borda do corpo negro, se desenrolava na tolda do "Corimbã" era creacionalmente pittoresco e devesa comica.

Achavam-se alli já reunidos todos os principes, capitães e mais autoridades, com os seus vestuarios de gala. Alguns trajavam ricas cizembiras de seda, outros engalanavam-se com uniformes de varios feitios e de diversos paizes. Um dos capitães, por exemplo, vestia um uniforme completo de capitão de mar e guerra da marinha brasileira, accrescentado a ornamentação do chapéu armado com vistosas penas de diferentes avex. Outro cingia o corpo negro a uma camisola de palhaço, scintillante de lenteolhas, e ostentava na cabeça uma especie de thiará mirabolante. No meio d'elles, o prestigioso príncipe da Ponta proporcionava á admiracão geral a sua magnifica bengala talisman.

O Mambuco foi recebido a bordo com as honras inherentes á sua dignidade de vice-rei. Esperava-o no portão o commandante, acompanhado pelos seus officiaes, todos de grande uniforme. Uma especie de tribunal se achava instalado na tolda, com o auxilio das mezas da camara dos officiaes. O commandante Andrade assumia a presidencia, tendo á sua direita o Mambuco, e á esquerda o Chico Franque, que servia de interprete. Aos lados tomaram lugar os officiaes e alguns capitães. Os outros cabindas juntaram-se em volta das mezas. A guarnição do "Corimbã" estendia-se em duas filas aos dois bordos do navio.

O commandante tomou então a palavra, accentuando desgosto com que Sua Magestade a Rainha de Portugal ouvira a noticia de que um regulo seu avassalado osara expressar, em documento escripto, o seu desejo de ficar sob a protecção da Inglaterra. Urgia pelo que, na presenca de todos, dentro de um navio de guerra que representava a soberania portugueza, o vice-rei de Cabinda ratificasse ou desmentisse a insolita affirmacão.

O Mambuco a custo o deixou concluir. Ergueu-se irado e convulso, protestando a sua innocencia e narrando como fora inhibido, no momento em que o dia do crebro, esquentado pelos fumos do alcool, encedia do discernimento preciso para avaliar da boa fé dos que com elle tratavam. Insistiu na sua adhesão completa e dedicada á coroa de Portugal, e declarou formalmente falas as intencões que em contrario lhe attribuiam.

Estas declaracões foram com todas as formalidades produzidas a nota pelo escripto do brigue, e assignadas immediatamente por todos os presentes, incluindo as praças da guarnição do brigue que sabiam escrever.

Para coroar este acto festivo e solenne, o commandante Andrade offereceu aos magnates de Cabinda uma especie de *lunch*, que foi servido na tolda sobre as mezas que haviam sido aproveitadas para o tribunal. E encusado accrescentar que o *menu* era especialmente adaptado ao paladar dos coasivas, muito mais molcado do que aquelle que, em circumstancias identicas, seria des-

tinado a um banquete de príncipes e diplomatas europeus. Compunha-se de peixe cozido, peixe frito, farinha de pau, tudo abundantemente regado de aguriente, que substituia com vantagem, sob o ponto de vista da influencia intoxicante, os vinhos mais capciosos do mundo civilizado.

Esta influencia fez-se sentir dentro em pouco. O Mambuco, mais o Chico Franque, haviam sido convidados pelo commandante para a sua camara, onde o servico era relativamente mais esmerado. Para mais honrar o vice-rei, o distincto official portuguez induziu-o a que escolhesse para o acompanhar no improvisado festim alguns dos capitães por elle mais considerado. Recahiu a eleição do regulo sobre o capita Maniacta, que teve a honra de tomar lugar á meza do commandante, junto de seu augusto amo. Seguiu-se na camara o desfilar das iguarias, convenientemente saudadas com amplas libações de vinho do Porto, que começava a toldar o espirito de Mambuco, atreito a estas incoincencias, quando no pavimento superior a gritaria da pretalhada, successivamente accrescida, degenerou em verdadeiro tumulto, reclamando a intervenção do commandante e dos officiaes.

Era o caso que o celebre príncipe da Ponta, sempre metucioso em questões de gerarchia, se sentira particularmente melindrado com a preferença concedida pelo soberano negro a um personagem de extraherger subalterna, quando o sangue real que lhe corria nas veias lhe dava especies prerogativas, áquelle conjunctura ignominiosamente postergadas. O seu despeito desafogou em invectivas cada vez mais azedas contra o Mambuco, secundadas por outros cabindas que defendiam os seus direitos. Mas em opposição, os partidarios do Mambuco applaudiam furiosamente a sua escolha, cobrindo de affrontas o orgulhoso Maniacta. A questão, começada no gradado em peizo grave, pesou-se aos negros, fozte exacerbado, subindo na escala até aos gritos estridulos, ás vaiaes sibillantes como vibrar de azorragues, aos apupos estroncosos como o trovejar de colera. Por fim, um facto insolito levou aos extremos a paciencia. Sobre a face retinta do prospapio príncipe de sangue retinim uma vigorosa bofetada, vibrada por um cabinda da facção adversa. Então, a discussão transformou-se em rixa. O Maniacta defendia-se dos assaltantes com o bastão precioso, ao passo que os seus sequezes se aprestavam para uma luta terrivel. A pancadaria geral começou no meio de uma infernal algazarra, quando o commandante e os officiaes do navio accorrem para impôr a sua autoridade para a terminação do conflicto.

A sua intervenção não poudo ser tão pacifica como elles desejavam. Surdos os cabindas á voz da razão, ás advertencias e intimações dos brancos, forçoso foi abandonar os expedientes de brandura e lançar mão de outros mais sensíveis. Por ordem do commandante, uma chuva de chicotadas de cabo, vibradas por vigorosos pulsos de marinheiros, cahir sobre a turbulenta negracia, afim de lhe acalmar os impetus bellicos. Foi assim que, embora com difficuldade, se conseguiu restabelecer o socego.

Entretamos, o Mambuco, liberto da vigilância do commandante, dava largas na camara ao seu amo pelo vinho do Porto. Pouco resistente aos seus effeitos em consequencia da velhice, perturbado alem d'isso pelo balanço do navio, foi subitamente atacado por uma syncopa, ficando prostrado nos cotões da camara. O capita que o acompanhava, assustado pelo incidente, veio a toda a pressa chamar o medico da real camara. Este porém demora dissolver a sua sciencia em multiplicados copos de cachaça, e achava-se n'um estado ainda mais deploravel do que o do seu regio cliente.

As 5 horas da tarde, despedidos que foram os incommodos visitantes, foi preciso irar no lais da verga o vice-rei, as principzas suas filhas e o medico, para os fazer embarcar na canoa que os conduziu a terra, graciosamente estendidos no pannelo. E dois dias depois ainda o brigue estava impregnado com as emanacões caracteristicas da pretalhada, como recordação da scena official que alli se realisara.

Este facto, á parte os seus pormenores grotescos, teve certamente uma consideravel importancia politica. O auto, remetido ao governador da provincia, foi mais tarde enviado á metropole. E não deve soffrer duvida que a sua substancia concorreu para a affirmacão dos direitos portuguezes em Cabinda, e para a permanencia da nossa autoridade n'aquelle territorio, unico que ao norte do Zaire logrou escapar ás unhas rapaces dos nossos rivales na conferencia de Berlim.

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA.



Rua Marchal Floriano no Rio Grande do Sul (Brasil)

# O centenário de Victor Hugo



*O busto do poeta, modelado em barro das Caldas da Rainha pelo grande artista Raphael Bordallo Pinheiro, que figurou na sessão solene promovida pela Associação dos Jornalistas de Lisboa e realizada a 26 de fevereiro na sala «Portugal» da Sociedade de Geographia*

# O Centenario de Victor Hugo

## A sessão commemorativa



ASSOCIAÇÃO DOS JORNALISTAS DE LISBOA celebrou por uma forma condigna o centenario do nascimento do maior escriptor, do mais alto poeta, do seculo que findou.

A festa que n'outro logar descrevemos e que se realizou com deusado brilho na Sociedade de Geographia, onde mais de sete mil pessoas aclamaram o nome do poeta egregio, foi promovida e organizada pela commissão da Associação dos Jornalistas, constituída pelos sr. Alfredo da Cunha, Brito Aranha, D. João da Camara, Oliveira Pires, Ferraz Mendes, Lopes de Mendonça, Magalhães Lima, Moraes de Carvalho, Alfredo de Mesquita, Henrique de Vasconcellos, Candido de Figueiredo, Lorjô Tavares e Jayme Victor.

A ideia inicial d'essa festa apothetica emanou da carta que um dos directores do *Brasil-Portugal*, o sr. Jayme Victor, dirigiu ao jornal *Novidades*, lançando e defendendo a ideia de, por qualquer fórma commemorativa, Portugal se associar ás homenagens tributadas por todos os paizes ao mais poderoso genio da raça latina.

O honroso e difficil encargo d'essa celebração festiva transferiu-o a redacção d'aquelle jornal para a Associação dos Jornalistas, que d'elle se desempenhou bizarramente.

E' da carta de Jayme Victor, que publicamos, os principaes periodos, não só para fazer um pouco de historia recente, mas porque sendo as suas palavras mais uma homenagem sincera e um tributo mais de admiração ao poeta colossal que com o seu nome encheu um seculo, n'ella se diz e resume tudo o que poderíamos escrever n'este momento, depois das aclamações que em torno do nome de Hugo acabam de retumbar no mundo inteiro.

«O nome do poeta supremo da nossa raça, evocado pelos nobres espiritos que mais o admiraram e nunca o esqueceram, vai de novo scintillar como estrella de primeira grandeza cujo brilho illumina com a mesma intensidade o seculo que findou e o seculo que começa. Esse nome aureolado de todos os gloriosos é uma gloria humana. Essa voz que n'um largo espaço de tempo se ergue, alvira para os poderosos, humilde e compassiva para os miseraveis, foi escutada em todos os recontros do globo. Essa litteratura que elle creou fez escriptores, inspirou poetas, e creou litteraturas. Todas as ideias que atravessaram o seculo, do qual disse no declinar da vida

*Ce siècle est à la barre et je suis son témoin*

oram filtradas pelo seu espirito e doiradas pela sua poesia. Os anseios, os murmúrios, os clamores, as vibrações infinitas da natureza, acharam a forma onomatopéica, a expressão rithmica na sua linguagem poderosa, dominante. Ne-ahum sentimento, nenhuma paixão, nenhuma dor humana deixou de passar e imprimir vestigio na sua alma feita.

*De verre pour gémir, d'airain pour résister*

Por a arte ao serviço da bondade, pela clemencia tornou a justiça mais justa, e como Jesus, que depois de chamar a si os pequeninos empunhou o látigo para castigar os vendilhões, elle, depois de redimir os miseraveis, escreveu os *Châtiments*.

As duas grandes edades da vida: — a mocidade e a velhice — aproximou-as pelo amor e pela ternura, e d'esse vasto coracão d'onde tinham cado profusamente as pedras faiscantes das *Orientes*, saíram quasi setenta annos depois, com a mesma intensidade e o mesmo vigor, essas perolas da melancholia e da saudade que se chamam *A arte de ser velho*.

Este sonhador, este idealista, que tinha por suprema aspiração a justiça humana, fez mais com os seus versos do que os parlamentos com as suas leis: vidas condemnadas á morte legal salvou-as, intercedendo por ellas aos reis e aos imperadores. Teve-nos por escravizados tinham na sua voz a maior força da sua defesa, e a defesa mais poderosa da sua causa; e nada mais emocionante e mais bello que ver levantar-se de um canto de Paris a palavra indignada no supplicante d'esse velho, pedindo para a Polonia esmagada e para a Irlanda oprimida a mesma liberdade que Koscuta e Parnell exigiram com o seu coracão de patriota!

Tomando por base d'uma philosophia a Bondade, e para levar a toda a parte dancando-as as azas do genio, synthetizando por esta fórma o Homem, ou melhor a Humanidade, na sua expressão mais bella e no seu mais alto destino social, poeta da natureza, patrono dos humildes, apostolo da paz, evangelizador de todas as virtudes civicas, defensor dos desgraçados, cantor da Mulher, cantor do Bello, *poetize marxistas* do Idealismo, eis o poeta colossal, que a aurora do seculo *ix* viu nascer e que a aurora do seculo *xix* viu glorificar.

Porque pertencemos á raça que elle nobilitou com o seu estro, porque em versos radiantes elle cantou mais d'uma vez o paiz de Camões e do Gama, porque nenhum outro escriptor influenciao como elle a litteratura portugueza, porque o nosso espirito deve ao seu genio horas d'um encanto absorvente, e porque seria, enfim, uma falta nacional o abstermo-nos de tomar parte na homenagem de que á França cabe a iniciativa, é por tudo isto que eu, deserto como eu, reputo indispensavel uma commemoração portugueza ao lado das que por outras nações já estão sendo annunciadas.

Sabe-se como foi o que é necessário, o que é torçoso, é que as palavras que Renan firmes reproduzimos as quando a França aclamou os gloriosos oitenta annos de Victor Hugo:

*Onorate l'altissimo poeta*

não fiquem letra morta em Portugal agora que o mundo vai registrar em letras de ouro — como se fóra o baptismo celebrado pelos seculos — a voz dos poetas, ao som das trombas, á graldis da patria — á evocação dos povos, o momento historico do seu nascimento.



FERREIRA DA SILVA

*Depois de uma curta allocu- ção do presidente da Associação dos Jornalistas o sr. Brito Aranha, explicando a importancia da homenagem prestada ao immortal poeta, subiu ao estrado dos oradores o actor Ferreira da Silva que recitou com grande arte esta poesia scarpia expressamente pelo grande poeta Guerra Junqueiro:*

*Vivons et pensons à genoux*

V. Hugo.

Em Hugo adoremos a flor da Poesia,

A mystica flor.

Tecida com beijos de luz e harmonia,

Gerada por alma da graça e do amor.

Em Hugo adoremos o genio bemdito,

O genio sem par,

Que mostra visível o Deus infinito

Nas linhas da estatua de bronze ou granito,

Nas syllabas pobres dum verso a cantar.

Em Hugo adoremos a voz da tristeza,

Symphonica luz,

Resando o calvario da Mãe Natureza

Quer tabos nas ondas que rol sobre a mesa,

Quer terra na jaula, quer homem na cruz.

Em Hugo adoremos o meigo gigante,

O claro titan,

Que arrasa os baluartes do mal triumphante

E ampara a verdade com o seu montante,

Brihando na gloria do sol da manhã.

Em Hugo adoremos o verbo d'esperança,

O Deus Germinal,

Que inflama as estrellas, os monstros amansa,

Gorgéia na ave, sorri na creança

E espande na aurora do beijo immortal!

Mas como adoral? Dando a vida ao canto,

Traduzindo o som;

O hymno piedoso, mais bello e mais santo,

Não tem mais piedade, mais dorido encanto

Que a lagrima triste do mendigo bom.

Em Hugo adoremos o Deus que o inspira;

Será nosso irmão;

Irmana-se ao genio quem a Deus aspira

O fulgor que brota da mais alta lira

Cabe no mais rude, simples coracão

O Mestre adoremos, enlancemos palmas

Em thóro á Belleza, que é Verdade e Amor:

Su olhar que doire nossas frentes calmas.

Venha a nós seu genio para as nossas almas,

Como a luz dos astros para a terra em flor!

Fevereiro 1902.

GUERRA JUNQUEIRO.

*Seguiu-se o illustre professor e collaborador effectivo d'esta Revista o sr. Consiglieri Pedroso que d'um dos oradores mais brilhantes de Portugal, antigo parlamentar e academico distinctissimo, que em rapidos traços abçou a obra de Hugo. Depois vieram as actrizes cujos retratos o BRASIL-PORTUGAL inseri recitar poesias do poeta, traduzidas por poetas portuguezes, e tor fim Magalhães Lima, jornalista e orador muito conhecido, terminou com um discurso quente e entusiasta sobre o poeta cuja glorificação se fazia.*

*Dos dois oradores e a commissão organisadora da festa, dá o BRASIL-PORTUGAL um grupo expressamente tirado pelo seu collaborador artistico Arnaldo Fonseca.*

## A SEXTA



Actriz LUCINDA SIMÕES

## ESPECTACULO TRANQUILISADOR

Tudo é luz, tudo alegria,  
A's brandas petalas ata,  
C'os palpos, a aranha esguia,  
As suas rendas de prata.

A travessa libellinha  
Nas aguas puras do lago  
C'o grande olhar esquadriha  
Um mundo irrequieto e vago.

Fresca, a rosa acariola  
O rebento; e o rouxinol  
Canta, cheio de harmonia,  
Nos ramos, cheios de sol.

A voz d'elle, em festa, acclama  
Deus, que a aurora concedeu,  
Como palpebra de chamma  
A' pupilla azul do ceu.

Na espessura, sobre o tojo,  
Timida, a corsa medita;  
Ouro vivo, em verde estajo,  
O escaravELHO palpita.

De dia, a luz, revela  
Com ar de convalescente  
Lança dos olhos de opala  
Caricias do céu clemente.

Abelhas e trepadeiras  
Beijam, rindo, o velho muro;  
Despertam quentes as leiras,  
Frenhes do germen obscuro.

Ah! com quanta graça viva!  
Tudo pouca! A luz no monte,  
Na corrente a sombra esguia,  
O céu azul no horizonte!

Briha a campina, a doveza  
Palpita de amor intenso...  
Home! folga! a natureza  
Sorri do mysterio immenso.

Trad. HENRIQUE LOPES DE MENEZES  
(Versos recitados por Lucilla Simões)



Actriz GEORGINA PINTO

Ella, pela tardinha, adormece e descança;  
Que o sonho é menos dado ao homem que a creança;  
Para quem vem do céu esta terra é tão feia!  
Puck, Ariel, Cherubim, as fadas, vêm-lhe á ideia;  
Torna a vel-os; são seus amigos, seus irmãos.  
Dorme, e é Deus que lhe aquece as pequeninas mãos.  
Ah! não poderemos nós ver sem de perto o fundo  
Desse somno sagrado, olhar para esse mundo  
Cheio de irradiações, para esses paraizes  
Que se rasgam na sombra e onde se cruzam rios,  
Estrelas, que a creança obrigam a sciá-las!  
Meio-dia. Do sol o ardor está-se a acatnar  
E é a essa hora quando os sons não vibram mais,  
E se calam de todo os ninhos nos beirões,  
E quando se recolhe a Natureza, e esculta,  
Como se suspendesse a vida a eterna lucta,  
E a fragil folha até se esquece de bulir.  
E quando Joanna tem o habito de dormir,  
E nos momentos a mãe respira e emfim repousa:  
Que todos cançam, mesmo a servir uma rosa.  
Os seus peitos n'us socegam, e o seu berço,  
Ninho de lenha ave em vago azul immerso,  
E envolto n'uma aureola, é uma nuvem feita  
De rendas. Ao olhar essa caminha estreita  
Onde Joanna dorme em sonhos embalada.  
Julga a genie que está dormindo uma alvorada.  
Foge a tristeza ao ver essa fibr tenue e fina,  
Astro — que tem a mais o ser tão pequenina.  
A sombra dir-se-lhe está a adorar-a, e o vento  
Sem que ouso respirar sussem o vivo alento.  
Subido, na maneira alcova tranquilla  
Toda a luz da manha lançando da pupilla,  
Abre a palpebra, estende o braço que é um encanto  
Move um pé gracilmente e depois o outro. Entanto  
Inclinam-se no azul frontes para escutal-a.  
Balfucna... E então, na mais maviosa fala,  
Como aza maternal cobrindo-a com o olhar,  
Buscando o mais doce entre os nomes para dar  
A esse anjo em flor d'onde a alegria lhe vem:  
— Grande mãe! despertaste! — assim lhe diz a mãe.

(Da Arte do ser avó)

Trad. JAYNE VICTOR

(Recitados por Lucinda Simões)



Actriz LUCILLA SIMÕES

Tregua de insultos á mulher perdida!  
Sabê Deus o tormento que a consome,  
Quantos dias de lucta contra a fome,  
Quantas miserias a roer-lhe a vida!

Quando o vento do mal, com furia brava,  
Sacudia a virtude, toda a gente  
Tem visto as ancias com que a mão tremente  
A' esp'rança vacillante se agarrava!

Tal, suspensa no extremo da ramada,  
Gota de orvalho, que de azul se inflammava,  
Que a lance para o sul uma rajada,  
Foi perola brilhante, agora é lama.

A culpa é tua, rico! é de nós todos!  
Que essa gota contém inda agua pura,  
Inda pode arrojár sordidos lodos,  
Reviver a perdida formosura.

Surge a luz deslumbrante do escumalho,  
Se acaso a viva chamma a desfizer,  
Basta um raio de sol para esse orvalho,  
Uma restea de amor para a mulher.

Trad. HENRIQUE LOPES DE MENEZES  
(Versos recitados por Georgina Pinto)



Actriz LAURA CRUZ

Vejo o sol ao fim do giro,  
E, sentado á minha porta,  
A luz fugitiva admiro,  
Que inda nos trabalhos exhorta.

Da noite as ondas escuras  
Vém correndo, e, sem repouso,  
Na terra um velho andrajoso  
Prepara as messes futuras.

Seu vulto negro entretanto  
Domina as terras sombrias:  
Quanto deve eror — nã, quanto! —  
No rodar util dos dias!

Perecendo o campo immenso,  
Vae, volta, caminha em frente,  
Abre a mão, lança a semente...  
E eu, de longe, observo-o e penso,

Vem mais sombra em sobrecarga  
E, em mysterioso rumor,  
Té ás estrelas alarga  
O gesto do lavrador!

Trad. D. JOÃO DA CAMARA

(Versos recitados por Laura Cruz)

Guerra Junqueiro, accedendo ao convite da comissão mandou, juntamente com a sua poesia, esta carta cujo post scriptum não pôde ser considerada por ter sido adivida a actriz Virginia. A distribuição na estalada não podia ser melhor. Ferreira da Silva recitou-a com primor.

Meus prezados colegas: — Tardiamente recebi, voltando do Porto, a amavel e inerecenda carta que me dirigiram. Ao responder, fiquei perplexo. O meu estado de saúde não me permitia acceritar, desde logo, encargo tão nobre e tão honroso. Querer a poder, diz o dictado. Na moral assim é; na acie, não. Eu queria dedicar á theozopho do grande Mestre um livro religioso, de ternura ardente e de humildade filial. Não o consegui. Ah! vão umas simples estrofes, com um unico merito: o de nascerem espontaneas e affectuosas, na sua pobreza e singelera. Não resumem todo o meu cerebro, mas levam, balbuciando, todo o meu coração.

Barca d'Alva, 18-2-502. — Collega e amigo reconhecido, Guerra Junqueiro.

P. S. — Desejo que a poesia seja recitada pela actriz Virginia, em cuja arte ha o encanto inimitavel da simplicidade e da bondade.

# O Centenario de Victor Hugo

A Comissão da Associação dos Jornalistas de Lisboa  
organizadora da sessão em honra de Victor Hugo, na Sala Portugal da Sociedade de Geographia  
no dia 26 de fevereiro de 1902



Lopes de Mendonça

Henrique de Vasconcelos

Ferreira Mendes

Jayme Victor

Morasso Carvalho

Brito Aranha

Oliveira Pires

José Parreira

Lorjô Tavares

Alfredo da Cunha

Consiglieri Pedroso

Lourenço Cayola

Magalhães Lima

Raphael Bortallo Pinheiro

Candido de Figueiredo



# MELODIA-VALSA

Musica de: Oscar da Silva

*Andante espressivo*

mf

*p. cresc.* ... *poco* ... *a. poco* ... *accelerando*

*agitado* ... *tranquillo* ... *Tempo da Valsa* ... *mp.* ... *cantabile il Corno*

*passivo e spazioso*

*pp*

*f.* ... *Como da 1.ª vez* ... *tranquillo* ... *mf.*

*mf.* ... *cresc.*

*sempre cresc. ed accelerando* ... *f.* ... *agitado* ... *mf.* ... *cresc.*

*mf.* ... *agitado* ... *mf.* ... *cresc.*

## Espronceda em Lisboa



acção política, que parece pernicioso ao desenvolvimento normal das litteraturas, aos trabalhos do intellecto, é, ao revés, um impulsor activissimo do movimento litterario. Sem remontarmos á antiguidade, sem subirmos a Athenas e a Florença, onde as letras radiaram com o mais vivo fulgor no meio das batalhas politicas, vemos logo em época mais proxima de nós. No seculo XIX, quando a Italia sopitava n'uma modorra litteraria, foi a invasão de Bonaparte que a fez despertar da sua apathia, surgindo então Manzoni, Monti, Ugo Foscolo, Parini, Alfieri, e, depois, Colletta, Botta e Silvio Pellico. Na Alemanha, o periodo de maior gestação litteraria, a grande época de Goethe e de Schiller, coincide com as guerras da Revolução e do Imperio. Na Inglaterra, Walter

Scott e Byron são contemporaneos das luctas gigantescas contra a França. N'este ultimo paiz pôde-se constatar facto identico, porque Chateaubriand — o prosador incomparavel — escreveu no meio das revoluções, e os ultimos annos da Restauração e os primeiros da revolução de Julho viram maltecer *les gens de plume* que gritaram ao coronal das letras: Guizot, Lamartine, Thiers, Cousin, Alfred de Vigny, Villemain, Lamennais, Victor Hugo, George Sand, Alexandre Dumas, Theophile Gautier, Sainte-Beuve, Alfred de Musset — o poeta da eterna mocidade e do eterno amor.

O mesmo principio se corrobora em Portugal. Os mais pujantes talentos do seculo heuraram na época de maior efflorescencia politica, poliram-se no crisol das campanhas. Alexandre Herculano, o 35 da 3.ª companhia de Voluntarios da Rainha, exaula no estrangeiro, de onde partia para a ilha Terceira e, d'ahi, para o continente portuguez a defender os sacratissimos principios constitucionaes; Garrett, o 72 do batalhão academico, vinha no troço de Mindelleiros que traziam pendurada na ponta das bayonetas a nossa carta de afforria; José Estevão, o novel tenente de artilheria, enquanto guerreeva os liberticidas no cerco de Porto, ensaiava a voz enérgica ao ribombar dos canhões e ao rugido dos obuses, essa mesma voz que havia de entusiasmar electricamente as assembleas do povo e de dominar vigorosamente as requistas parlamentares, essa mesma voz melódica, pittoresca e apaixonada, que era a imagem sonora de uma alma eloquentissima. Castilho, cuja cegueira o impedia de militar, pagava tributo ás idéas novas e ás perseguições emérgentes.

A Hespanha não escapa a esta lei. As aguias napoleonicas trouxeram-lhe o espirito novo. Fernando VII tentou subjugar, com sua ferrea mão, o movimento de renascença que se iniciava, mas baldou todo o seu trabalho. A antiga eschola hespanhola, que remonta aos fins do seculo XVII, contava poetas e publicistas notaveis: Moratin, Burgos, Hermosilla, Arriaza, Galiano, o conde de Toreno, Mora, Quintana, Conde, Gallego, Lista, Gil y Zarate, Musso y Valiente e Martinez de la Rosa, o mais joven de todos.

A renascença litteraria, a que alludimos, foi feita entre angustias, tristuras e sobresaltos. Quintana — mais tarde director dos estudos de Isabel II — estava encerrado no prisão de Pamplona, Moratin fugia á miséria para ir morrer tristemente em Paris, Antonio Conde andava proscripto, Martinez de la Rosa passava cinco annos nos presidios de Africa, Alcalá Galiano era condemnado á morte no momento em que, refugiado em Londres, leccionava a lingua hespanhola para se alimentar; o conde de Toreno, que já havia emigrado para Lisboa em 1819, e d'aqui — no intuito de se furtar ás providencias cogentes da policia — para Londres, emigrou de novo em 1823, para só retornar á patria volvidos dez annos; Gallego, Hermosilla, Mauri, Clemencia, Navarrete, quasi todos definhavam nas ghechas ou eram obrigados a tomar o caminho estrangeiro, onde iam entregar-se a investigações laboriosas na poezia, dos cartapacios ou a brumar os versos. Um livrinho de apontamentos publicado em Londres, entre 1824 e 1827, e intitulado *Ocios de españoles emigrados*, é um titulo honroso para a littera castelhana, porque allí se veem apparecer, no fundo nostalgico do exilio, os primeiros symptomtas d'esse renascimento litterario, que augmentou brillantemente a partir de 1830, sobretudo depois de morrer Fernando VII. A nova geração recebe do Norte o santo e a senha, é lá que vai haurir a inspiração; lança-se na imitação de Goethe, Schiller, Walter Scott e Byron, commença o credo romantico. No numero dos poetas e escriptores mais completamente influenciados por aquellas litteraturas estrangeiras, contam-se: Roca de Togores, Salas y Quiroga — grande imitador de Byron —, Pastor Diaz, D. José Joaquim Mora, D. Pedro Madrazo, D. Juan Maria Mauri, Garcia Gutierrez, Castro y Orozco, D. José Espronceda, Bernudez de Castro, o duque de Rivas, Hartzenbusch, Rios y Rosas, o duque de Frias e D. Mariano José de Larra.

A doença da melancolia litteraria, que brotou em Inglaterra sob os auspícios de Byron e dos *Lakers*, espalhou-se em França sob a Restauração. Chega Lamartine com o seu alarde trovadoresco, que veio cantar suas paixões candentes por Graciosa — uma moçona cigarrreira napolitana levada ás regiões do ideal pelo seu outro inflamado — e por Elvira, creatura quebradiça e, de mais a mais, casada com um sábio ganarelissimo. E a mulher torna-se plangitiva, langorosa, tristonha,

copia Elvira, acredita que a unica desculpa da vida é o amor, acha-se mais etherica, mais Ophelia, mais Iryio que nunca! Toma *airs évaporés*, enrola os cabellos no alto da cabeça, põe o chale de tonking, delidilha harpa, soffre de hemierania, capituloa-se e envolve-se gostosamente nos vicos sagrados do extase ou nas toalhas de ciro do sonho. De 1830 a 1848, todas as solteiras se apaixonaram por Lamartine e quasi todas as casadas deliraram com elle. Com a implantação do governo representativo, a mania *splenética* transpõe as linhas fronteiriças e penetra em Hespanha, onde encontra um juvenil poeta, D. José Zorrilla, que se faz cargo de poetar esses novos sentimentos, empregando novos accentos correspondentes a um estado de alma.

A volta de 1830, havia um café em Madrid, o qual representou, n'aquella época, o mesmo papel que em Lisboa tiveram o café do Nicola e o botiquim *das Parvas* nos aereos tempos de Bocage e dos citharistas que o idolatavam. Era o café del Príncipe, a mais sombria e pobre das lojas de bebidas madrilenas, mas ceneceu litterario de escriptores e de versistas, que ahi sorvetevam e discretaveam sobre assumptos urgicos e bicudos, desde a ontologia pythagorica ás monadas leibnizianas, desde as *entelechias* aristotelicas ás quatro triadas das catego-



Retrato de Espronceda

rias kantistas, desde a poesia homerica á poesia byroniana, desde a metallurgia verbal na fundição de um soneto á martellagem dos rythmos para a construção de uma estrophe.

Entre a mocidade notavel pelo intellectualismo, pelo exercicio ou pela tafalaria, viam-se: Espronceda, Escosura, Vega Ortis, Larra, Madrazo, Milans del Bosch, Breton de los Herreros e Mesonero Romano. N'esse casafisto se eron o *Parnasos*, que, por sua vez, deu á luz o *Liceo*, onde figuraram grandes nomes da litteratura hespanhola: Zorrilla, Gil y Zarate, Espronceda, Polleguin, Hartzenbusch, Bernudez de Castro, D. Ramon de Campoamor, o duque de Rivas e as senhoras Gertrudes Gomes de Avellaneda e Coronado — auroras que dealbavam uma nova alvorada luzentissima na litteratura de allem-Caia.

Tratemos, porém, de Espronceda, que teve um logar salientissimo na renovação litteraria hespanhola da primeira metade do seculo XIX, que foi um luminar na dynastia dos poetas *tristões*, e cujo mandolin romantico sultou versos commovidissimos, repassados de graça e de saudade, mas cujo encanto fica indefinivel, á guiza d'essas coisas antigas, que conservam, atravez dos annos, uma persistente juvenude.

Em Hespanha, para a par do movimento litterario, havia grande ebulição de idéas politicas, para a qual as sociedades secretas forneciam a sua quota-parte. Em 1820, apenas existia a maçonaria, que, seindino-se em 1823, deu origem á exaltada sociedade dos *communeros*. Depois de 1833, surgem as sociedades dos *intelectuos*, dos *Jocos-Hespanhos*, dos *filhos do sol* e dos *sublimes templarios*. A sociedade dos *maschellinos* pertenciam Olaverria, homem de talento, e o general Palafox; á dos *Joven-Hespanha*, mais evada do espirito revolucionario francez, pertenciam Pio Pita, os irmãos Fuentes Herrero, o general D. Pedro Mendez Vigo, Olozaga, então deputado por Logroño, Mendizabal e Espronceda, que era tido por chefe; á sociedade dos *filhos do sol* pertenciam Rodil, Espartero e Bedoya; a sociedade dos *sublimes templarios* reconhecia Isturitz por presidente. Espronceda é o politico temporário, que, mal contava quatorze annos, já discursava com facundia tribunicia na sociedade dos *Nomantinos*, por causa da qual foi preso com Vega e outros companheiros, e destrutado para um convento de Guadalajara, enquanto o seu consocio D. Patrio de la Escosura se escapava de Castilla, para ir viver pobrmente n'um terceiro andar do bairro Latino em Paris.



# SALÕES, ATELIERS, INTERIORES

A casa do Conde de Sabugosa

A sumptuosa vivenda dos srs. condes de Sabugosa, a Santo Amaro, com o seu velho cunho tradicional, é um dos mais preciosos e integros specimens, que ainda possuímos, da antiga vida aristocrática portuguesa. Tudo ali é severo e simples, tudo reflecte nobremente o meticoloso culto do passado. Começa pela grandiosidade singela da fachada, de amplas proporções, toda embasada em sacadas que características gargulas encimam; e esculpidas uniformemente em castanho, como um roble secular, n'um tom cheio de caracter, n'um isolamento de tristera. Accusa bem claramente a data da sua fundação, que remonta a meados do século XVI; e tem esta nota historica a realçar-a: — foi a casa que serviu de refugio a D. Pedro II, no mais acciõso da sua lucta contra seu irmão.

O pateo de entrada, na sua despretenciosa nudez, é a coherente continuação d'aquelle imponente aspecto exterior. Com o piso empedrado a brita miuda, retabulos de azulejo, tres vezes seculares, nas paredes lateraes, e o apainelado tecto distante, rasga-se-lhe ao fundo uma grande porta envidraçada, com miudos caixilhos *renascença*. Por ella passamos, tendo subido tres degraus, á escada principal, que tem junto á base uma fonte de marmore, e sobe depois ao vestibulo do andar nobre, por entre um rodapé de azulejo e um custoso cormião de balustes de carvalho, lembrando no desenho os de Mafra.

Este vestibulo é vasto, e tem um ar austero e triste, quasi monastico, com as suas lampadas conventuales, o seu tecto de madeira, alto e profundo, a sua luz vinda tambem do alto, não mostrando do exterior mais que o céu, as portas e sobreportas invariavelmente emolduradas em madeira encenera, e as proprias figuras e columnellos ornamentaes, que accusam bem nitidamente a sua procedencia religiosa. Apenas lhe aligeiram e mundanizam o aspecto os grandes reposteiros de velludo, armoriados, e faianças e misulas com trepedarias e flores.

As longas d'este vestibulo, na frente de quem chega, correm as tres grandes salas principaes do palacio: á esquerda fica a capella; nas costas a bibliotheca, para onde dão as portas que se vêem na gravura; e, fronteiros á capella, são os aposentos particulares dos srs. condes. Pelas paredes, brancas, ha uma discreta ornamentação de espelhos e antigos quadros a oleo, entre os quaes dois de Josepha d'Obidos.

Entremos na primeira das tres grandes salas, o aposento habitual de trabalho do sr. conde. — E' ampla e magestosa, d'um aspecto repousado e nobre. A estancia predilecta, ao mesmo tempo, d'um estudioso e d'um homem do mundo, d'um filologo e d'um artista. Toda elegantemente vestida de *boiserie* preciosa. Duas largas sacadas para a rua, e entre ellas o bufete de trabalho do sr. conde. Sobre o pavimento, escrupulosamente encenerado, espreguicam-se ao acaso varios tapetes de desenhos persas. Fronteiro ao bufete, ergue-se o fogão monumental, forrado de carvalho e todo em preciosissimo material de ouro e prata, em alto relevo, dos armarios para livros e das cornijas das portas. A moldura dourada, oval: é da mulher do 4.º avô do actual sr. conde, a sr.ª D. Juliana Cruz e mormo-mór de D. Pedro II. Inferiormente a este retrato, ha uma pequena graciosa illustração, feita por El-rei, sobre um episodio do livro, *De braco dado*, dos portuguezes. Andava descripto no inventario de 1857.

obra de talha *renascença*, que foi obra de Leandro Braga, bem como o busto de D. Maria Pia.

A esquerda d'esse fogão, vê-se na gravura um retrato a oleo, em moldura dourada, oval: é da mulher do 4.º avô do actual sr. conde, a sr.ª D. Juliana Cruz e mormo-mór de D. Pedro II. Inferiormente a este retrato, ha uma pequena graciosa illustração, feita por El-rei, sobre um episodio do livro, *De braco dado*, dos portuguezes. Andava descripto no inventario de 1857.

As longas d'este vestibulo, na frente de quem chega, correm as tres grandes salas principaes do palacio: á esquerda fica a capella; nas costas a bibliotheca, para onde dão as portas que se vêem na gravura; e, fronteiros á capella, são os aposentos particulares dos srs. condes. Pelas paredes, brancas, ha uma discreta ornamentação de espelhos e antigos quadros a oleo, entre os quaes dois de Josepha d'Obidos.

Entremos na primeira das tres grandes salas, o aposento habitual de trabalho do sr. conde. — E' ampla e magestosa, d'um aspecto repousado e nobre. A estancia predilecta, ao mesmo tempo, d'um estudioso e d'um homem do mundo, d'um filologo e d'um artista. Toda elegantemente vestida de *boiserie* preciosa. Duas largas sacadas para a rua, e entre ellas o bufete de trabalho do sr. conde. Sobre o pavimento, escrupulosamente encenerado, espreguicam-se ao acaso varios tapetes de desenhos persas. Fronteiro ao bufete, ergue-se o fogão monumental, forrado de carvalho e todo em preciosissimo material de ouro e prata, em alto relevo, dos armarios para livros e das cornijas das portas. A moldura dourada, oval: é da mulher do 4.º avô do actual sr. conde, a sr.ª D. Juliana Cruz e mormo-mór de D. Pedro II. Inferiormente a este retrato, ha uma pequena graciosa illustração, feita por El-rei, sobre um episodio do livro, *De braco dado*, dos portuguezes. Andava descripto no inventario de 1857.

Entremos na primeira das tres grandes salas, o aposento habitual de trabalho do sr. conde. — E' ampla e magestosa, d'um aspecto repousado e nobre. A estancia predilecta, ao mesmo tempo, d'um estudioso e d'um homem do mundo, d'um filologo e d'um artista. Toda elegantemente vestida de *boiserie* preciosa. Duas largas sacadas para a rua, e entre ellas o bufete de trabalho do sr. conde. Sobre o pavimento, escrupulosamente encenerado, espreguicam-se ao acaso varios tapetes de desenhos persas. Fronteiro ao bufete, ergue-se o fogão monumental, forrado de carvalho e todo em preciosissimo material de ouro e prata, em alto relevo, dos armarios para livros e das cornijas das portas. A moldura dourada, oval: é da mulher do 4.º avô do actual sr. conde, a sr.ª D. Juliana Cruz e mormo-mór de D. Pedro II. Inferiormente a este retrato, ha uma pequena graciosa illustração, feita por El-rei, sobre um episodio do livro, *De braco dado*, dos portuguezes. Andava descripto no inventario de 1857.

Entremos na primeira das tres grandes salas, o aposento habitual de trabalho do sr. conde. — E' ampla e magestosa, d'um aspecto repousado e nobre. A estancia predilecta, ao mesmo tempo, d'um estudioso e d'um homem do mundo, d'um filologo e d'um artista. Toda elegantemente vestida de *boiserie* preciosa. Duas largas sacadas para a rua, e entre ellas o bufete de trabalho do sr. conde. Sobre o pavimento, escrupulosamente encenerado, espreguicam-se ao acaso varios tapetes de desenhos persas. Fronteiro ao bufete, ergue-se o fogão monumental, forrado de carvalho e todo em preciosissimo material de ouro e prata, em alto relevo, dos armarios para livros e das cornijas das portas. A moldura dourada, oval: é da mulher do 4.º avô do actual sr. conde, a sr.ª D. Juliana Cruz e mormo-mór de D. Pedro II. Inferiormente a este retrato, ha uma pequena graciosa illustração, feita por El-rei, sobre um episodio do livro, *De braco dado*, dos portuguezes. Andava descripto no inventario de 1857.



A bibliotheca

dando o busto de dois filhinhos dos srs. condes, emoldurada em ouro e com o escudo da casa feito em pedras finas, offerta magnificente da rainha sr.ª D. Maria Pia.

A terceira das grandes salas da frente da casa é mais alegre. E' a sala habitual dos serões, e tem um aspecto confortavel e moderno, muito elegante, que resalta principalmente da rebuscada confusão do seu arranjo. Vemol-a cheia tambem de preciosidades. Aqui, o tecto é de estuque, entornando uma nota clara, um tudo-nada banal, sobre o recinto. Aliomiam a sala quatro amplas sacadas, formando esquina. Duas deitam para a rua, e as outras duas, em angulo recto, abrem para um trecho do parque, onde atrahie a attenção um grande e alquebrado exemplar de *Drago*, cuidadosamente espedado, como um velho tropego, e sobre o qual é tradição que trabalhou Linneu, durante os seus estudos botanicos em Portugal. Entre as duas sacadas que dão para a rua, admira-se um lindo *pastel* de El-rei, genero Watteau, tres preciosissimos desenhos de Sequeira, e um grande contador japonês, axaroado; e no intervalo das outras duas, superior ao fogão, um grande espelho Luiz XVI, de purissimo estylo, que foi dada de sua magestade a rainha. Apontamos mais, ao acaso, um outro quadro a oleo, de Pelligrini, representando a avô da sr.ª condessa, a condessa d'Alva, com o filhinho ao collo, que veio a ser o marquez de Santa Iria; dois quadrinhos de Silva Porto; uma cabeça de estuado, de Carlos Reis; um bello espelho com moldura de talha, uma bancasinha imperio, uma estante de pau-santo com livros, e uma *vitrine* cheia de esmaltes, velhos smites, leques, joias e porcelanas caras.

Deixando agora esta sala e atravessando o vestibulo, vamos entrar na bibliotheca, a grande peça caracteristica do palacio. Não ha em Lisboa nenhuma outra bibliotheca particular que, nem de longe, com esta se compare. De fartas e solidas dimensões, lançada a toda a altura da casa, tem um aspecto quasi monumental. Lembra ao mesmo tempo uma *halle* e uma sacristia.

E' talhada em dois andares, com escadaria, varanda e cormião no mesmo estylo do vestibulo. A preciosa madeira, em côr natural, das humberreiras das portas e dos armarios, destaca severamente das paredes, singelamente brancas. Tem hoje esta bibliotheca dez mil volumes, com todo o rigor catalogados. A magnifica installação e disposição que hoje admiramos, deve-se ao meticoloso e superior cuidado do actual sr. conde de Sabugosa. Mas vêm de longe na casa o culto bibliophilo. A origem d'esta bibliotheca, ao depois sempre invariavelmente acrescentada e mantida, data do conde de S. Lourenço, João Joseph Ansberto de Noronha, da casa Anzeja, o notavel erudito e politico, que esteve 18 annos detido no forte da Junqueira, á ordem do marquez de Pombal. A elle se refere Beckford, nas suas *Cartas*, e o marquez de Resende no curioso livro, *O outeiro nocturno das Picoas*, edição de 1808. Equalmente o cita, com veneração e entusiasmo, Camillo Aureliano da Silva e Souza, no prologo da *Anti-catastrophe*, a conhecida chronica de D. Alfonso VI.

Ha aqui reunidas centenas de raras e riquissimos manuscritos, do maior valor como subsidio para a historia politica portugueza. Andava descripto no inventario de 1857.

Ha aqui reunidas centenas de raras e riquissimos manuscritos, do maior valor como subsidio para a historia politica portugueza. Andava descripto no inventario de 1857.

Ha aqui reunidas centenas de raras e riquissimos manuscritos, do maior valor como subsidio para a historia politica portugueza. Andava descripto no inventario de 1857.

Ha aqui reunidas centenas de raras e riquissimos manuscritos, do maior valor como subsidio para a historia politica portugueza. Andava descripto no inventario de 1857.

Ha aqui reunidas centenas de raras e riquissimos manuscritos, do maior valor como subsidio para a historia politica portugueza. Andava descripto no inventario de 1857.

Ha aqui reunidas centenas de raras e riquissimos manuscritos, do maior valor como subsidio para a historia politica portugueza. Andava descripto no inventario de 1857.

Ha aqui reunidas centenas de raras e riquissimos manuscritos, do maior valor como subsidio para a historia politica portugueza. Andava descripto no inventario de 1857.

Ha aqui reunidas centenas de raras e riquissimos manuscritos, do maior valor como subsidio para a historia politica portugueza. Andava descripto no inventario de 1857.

Ha aqui reunidas centenas de raras e riquissimos manuscritos, do maior valor como subsidio para a historia politica portugueza. Andava descripto no inventario de 1857.

Ha aqui reunidas centenas de raras e riquissimos manuscritos, do maior valor como subsidio para a historia politica portugueza. Andava descripto no inventario de 1857.

Ha aqui reunidas centenas de raras e riquissimos manuscritos, do maior valor como subsidio para a historia politica portugueza. Andava descripto no inventario de 1857.

Ha aqui reunidas centenas de raras e riquissimos manuscritos, do maior valor como subsidio para a historia politica portugueza. Andava descripto no inventario de 1857.

Ha aqui reunidas centenas de raras e riquissimos manuscritos, do maior valor como subsidio para a historia politica portugueza. Andava descripto no inventario de 1857.

Ha aqui reunidas centenas de raras e riquissimos manuscritos, do maior valor como subsidio para a historia politica portugueza. Andava descripto no inventario de 1857.

Ha aqui reunidas centenas de raras e riquissimos manuscritos, do maior valor como subsidio para a historia politica portugueza. Andava descripto no inventario de 1857.

Ha aqui reunidas centenas de raras e riquissimos manuscritos, do maior valor como subsidio para a historia politica portugueza. Andava descripto no inventario de 1857.

Ha aqui reunidas centenas de raras e riquissimos manuscritos, do maior valor como subsidio para a historia politica portugueza. Andava descripto no inventario de 1857.

Ha aqui reunidas centenas de raras e riquissimos manuscritos, do maior valor como subsidio para a historia politica portugueza. Andava descripto no inventario de 1857.



A sala de jantar



CONDE DE SABUGOSA

Cópia de um retrato a lapis feito por S. M. a Rainha, e offerecido ao seu vassal

obra de talha *renascença*, que foi obra de Leandro Braga, bem como o busto de D. Maria Pia.

A esquerda d'esse fogão, vê-se na gravura um retrato a oleo, em moldura dourada, oval: é da mulher do 4.º avô do actual sr. conde, a sr.ª D. Juliana Cruz e mormo-mór de D. Pedro II. Inferiormente a este retrato, ha uma pequena graciosa illustração, feita por El-rei, sobre um episodio do livro, *De braco dado*, dos portuguezes. Andava descripto no inventario de 1857.

Entremos na primeira das tres grandes salas, o aposento habitual de trabalho do sr. conde. — E' ampla e magestosa, d'um aspecto repousado e nobre. A estancia predilecta, ao mesmo tempo, d'um estudioso e d'um homem do mundo, d'um filologo e d'um artista. Toda elegantemente vestida de *boiserie* preciosa. Duas largas sacadas para a rua, e entre ellas o bufete de trabalho do sr. conde. Sobre o pavimento, escrupulosamente encenerado, espreguicam-se ao acaso varios tapetes de desenhos persas. Fronteiro ao bufete, ergue-se o fogão monumental, forrado de carvalho e todo em preciosissimo material de ouro e prata, em alto relevo, dos armarios para livros e das cornijas das portas. A moldura dourada, oval: é da mulher do 4.º avô do actual sr. conde, a sr.ª D. Juliana Cruz e mormo-mór de D. Pedro II. Inferiormente a este retrato, ha uma pequena graciosa illustração, feita por El-rei, sobre um episodio do livro, *De braco dado*, dos portuguezes. Andava descripto no inventario de 1857.

Mas não findaremos sem anotar esta impressão emocionante e característica: a predileção exclusiva e vehemente, o fervor de extasi, o culto quasi religioso da joven filha dos sr.s. condes, a sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo de Mello, pelo sublime vulto lendario de Jeanne d'Arc. E' singular como a prestigiosa figura d'esta grande illuminada, que hoje aquece e reune n'um voto de consagração unanime todos os corações francezes, sem distincção de raças nem de partidos, veio tambem suggestionar e prender cá longe a alma virginal d'esta creança... Entramos no seu gabinete, no seu studio particular, quasi de *plan pied* com o parque, e ahí não vemos por toda a parte, dominando, imperando, impondo-se, senão o vulto, a memoria de Jeanne d'Arc. E' em bustos, em gravuras, em photographias, em livros, apontando sempre invariavel, por entre as *cretões* e as sêdas, por entre as toças de avenca, com o seu bello rosto illuminado de abnegação e de fé.

Uma collecção enorme.

E ha lindos e preciosos exemplares exteriorisando esta ingenua e alta obsessão; taes como, — um bronze e dois livros riquissimos, offerta de sua magestade a rainha, e uma grande photographia, em



O gabinete de trabalho

que a illustre escriptora, D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, acompanhou a dedicatória com esta quadra:

*Segurando na dextra a lamina lendaria,  
O mysterioso olhar embebido nos céus,  
Aqui tens tu, Maria, ó doce visionaria,  
A pastora immortal que enleva os sonhos teus!*



O vestibulo superior

Por demais propicia à meditação e ao sonho é, com effeito, esta pequena bôceta perfumada,meticulosamente furtada ao bulicio mundano e entestando com esse bello parque, em que as alfardobras, os aloendros e os carvalhos tallham e vestem peernalmente de sombra as ruas silenciosas. A selecção moral faz-se pelo isolamento. E é como nós e comprehendemos o afinamento, a pureza tradicional das raças, — quando assim escrupulosamente mantida a esta atmospher de recato e de virtude.

Abel Botelho.

# POLITICA INTERNACIONAL

Um dos episódios mais característicos e que melhor define as secretas intenções a que obedeceu a viagem do príncipe Henrique à América, é a polémica travada entre ingleses e alemães, tendo por objecto do papel representado pela Inglaterra no conflicto hispano-americano. É sobretudo curioso que esta polémica não se tenha limitado a artigos de jornal, mas que n'ella hajam tomado parte personalidades politicas importantes dos dois paizes, como o subsecretario do ministerio dos negocios estrangeiros inglez, e o ministro allemão em Washington. Tanta é a importancia, que d'um e outro lado se lhe ligam Os inglezes desejam conservar as vantagens que, em sua attitudão, por occasião da guerra, lhes adquiriram. Principalmente desejam manter no seu activo o agradecimento da opinião publica americana e dos circulos politicos *yankies*, pelo assignallado serviço que o gabinete de Londres prestou a Mac-Kinley em tão melindrosa conjunctura.

Pela sua parte os allemães não só pretendem demonstrar, que não tomaram iniciativa alguma para promoverem uma intervenção europeia a favor da Hespanha, senão que se esforçam por fazer acreditar aos americanos, que foi lord Pauncefoot, o embaixador inglez nos Estados-Unidos, quem tomou a iniciativa de semelhante tentativa.

O visconde de Cranborne no parlamento britannico nega a veracidade do facto. O doutor Holleben, ministro da Allemanha em Washington, afirma pelo contrario que é verdadeiro. Lord Pauncefoot replica, que houve com effeito na legação ingleza uma reunião dos ministros das grandes potencias, para o fim indicado, mas que essa reunião foi convocada a pedido do ministro allemão, e sua alligada tendendo logar na embaixada de Inglaterra, por ser o respectivo embaixador o decano do corpo diplomático. E assim continúa a polémica, sendo singular que se tragam para a luz da publicidatade factos, que em geral e pelas praxes diplomaticas costumam ficar enterrados no segredo das chancellarias. O que levou no momento actual os ministros inglezes e allemães a procederem contra os usos estabelecidos? Evidentemente o desejo de cortar a opinião publica americana e de captar as boas graças dos politicos americanos. Estão a trabalhar, portanto, da parte da Allemanha, na attitudão de Dr. Holleben. Era preciso crear uma atmosphera favoravel e sympathica ao príncipe, que neste momento é hospede dos Estados-Unidos. Dahi o afan da propagação.

Parece, no entretanto, que o *trop de zèle* do ministro allemão em Washington excedeu um pouco os limites da credulidatade americana.

Tentar convencer a América, com effeito, da benevolencia da Allemanha para com Mac-Kinley por occasião da guerra, depois dos actos do almirante Dieckman, e depois da declaração de guerra, já pelo seu governo, e que nunca foram oficialmente desaprovados, já não era tarefa facil.

Mas querer forçar a hypothese, para representar a Inglaterra como centro das machinações da diplomacia europeia contra os Estados-Unidos, parece-nos forte de mais, e d'esta opinião é grande parte da imprensa americana.

Aparentemente a polémica entre os dois paizes não deixa de ser edificante, porque esclarece os fins a que obedeceu a inesperada visita à América do irmão do *Kaiser*.

Festou-se ha dias em Roma, na capella Sixtina, o vigesimo quarto anniversario da coroação de Leão XIII, o velho papa que com uma rara attitudão, pois tem 92 annos feitos, occupa hoje o solio pontifical. A festa em si importa sobretudo à Igreja, e nada tem que ver com a perspectiva de politica internacional. Não assim, porém, o facto que ella celebrou e cuja importancia para a historia contemporanea é primordial.

Pelas altas qualidades que Leão XIII tem revelado, e pela duração excepcional do seu pontificado, apenas excedido pelo de Pio IX, a influencia do actual papa é d'aquellas, que facilmente se não apagarão dos fastos da Igreja, e que mais fundos vestigios hão-de deixar até na Sociedade civil. Basta para elle aquilatar o valor a posição tomada pelo pontifice com respeito a alguns dos problemas sociais da actualidade, de que elle se occupou nas duas encyclicas *De conditione officium e Kerum novarum*. Foi d'este movimento que saio a *Democracia christã*, contra a qual debalde lucha o cardeal Rampolla, que não lhe pôde tolerar a indisciplina e a insubmissão. Também tem sido constante empenho de Leão XIII realisar a unidade das duas igrejas — do Oriente e do Occidente — acabando com o schisma, que tanto prejudica o prestigio e a auctoridade moral da christandade.

Em ambas as tentativas, a primeira a religiosa, o papa foi mal sucedido, sem nada conseguir. Mas nem porisso vale menos a sua iniciativa, e o empenho tenaz que poz em realisal-a. Tão grande talvez como os maiores dos seus predecessores, Leão XIII teria sido um Gregorio VII ou um Innocencio III se houvesse vivido nos seculos da Idade Media, quando a Igreja era a instituição que a todas sobrepujava, e quando a força moral do Pontifice ainda intacta, a todos se impunha com incontestavel poder. No seculo XIX, porém, a sua situação é anachronica, e por isso os seus grandes propósitos se mallogarão. Em vez de realisar a união das duas igrejas — a latina e a grega — e acabar o grande schisma da christandade, preparou pelo contrario talvez um novo schisma, que já se evidencia por inequívocos signaes, e que não tardará depois da sua morte a separar os catholicos em campos inimigos e intransigentes.

Com respeito à democracia christã não foi menor o seu inuccesso, a ponto de actualmenté todos os esforços da Curia enderem a soffocar essa dilaicta creatão de Leão XIII. É qual com tanto amor elle deu vida e que tão carismosamente acentuou na primeira infancia, mas que hoje tem de engeitar como filha espuria, alvo das iras dos que ao principio tanta affeição lhe dedicaram.

Em triste fim de pontificado, que deve trazer profundamente amargurada a alma de Leão XIII, o qual vê cair assim as suas melhores esperanças, e desfazerem-se todos os planos a que subordinára a orientação do seu longo reinado espiritual.

O que será a Igreja amanhã, depois da morte, que não pôde vir longe, do actual papa? Conseguirá o cardeal Rampolla ser eleito pontifice, ou ha impossibilidade de o ser, terá elle força para impôr ao sacro collegio uma creatura sua, que no solio pontifical seja o seu *alter-ego*, permitindo lhe continuar a situação de agora, de papa occulto, de verdadeiro papa? E' esta a interrogação verdadeiramente grave, que a abertura da successão de Leão XIII vale formular, não só em todo o mundo catholico, mas mesmo nos paizes protestantes; pois que a nenhum estado civilisado é indifferente a futura orientação da curia romana.

A crise mais ou menos declarada, que ha tempo estava enfraquecendo a acção politica do partido liberal inglez, e que tanto se tinha accentuado depois do grande discurso pronunciado por lord Rosebery em Chesterfield, acaba de ter o seu natural desfecho com a separação definitiva das duas fracções, respectivamente capitaneadas por lord Rosebery e sir Henry Campbell-Bannerman.

O chefe do ultimo governo liberal publicou no *Times*, em resposta ao discurso de sir Henry em Leicester, uma carta em que insiste na divergencia entre os dois, a respeito da questão da guerra e do *Home Rule*, concluindo por declarar, que se considera fóra do «tabernaculo», d'onde falla pontificalmente o antigo ministro da guerra de Gladstone. Acrescenta, porém, lord Rosebery que, embora fóra do tabernaculo, julga não estar só.

E' a separação formal, que ha muito se previa, das duas correntes em que se dividiram o velho partido *liberal*. Depois da separação dos unionistas, com o duque de Devonshire à frente, do grosso do partido, é este o facto mais sensacional da politica interna ingleza nos ultimos vinte annos, e que maiores consequencias pôde ter para o futuro da nação. A primeira d'essas consequencias é o rubustecimento do actual governo conservador, menos por accrescimo de prestigio ou força propria, do que pelo enraquecimento e desprestigio do unico adversario, que podia lutar em condições de herdar o poder. E o rubustecimento do actual governo actual, significa, a curto e a longo prazo, um remoto, a chefatura e a presidencia do ministro reclinado no sr. Chamberlain, com todos os resultados que semelhante solução pôde consigo acarretar. O que é certo, em todo o caso é que a separação dos dois *leaders*, vale fazer recuar para um futuro indefinido a probabilidade de ascender aos conselhos da corôa uma situação liberal.

Com que elementos pôdem contar respectivamente lord Rosebery e sir Henry Campbell-Bannerman?

No que diz respeito à massa dos electores, é difficil neste momento fazer um calculo mesmo approximado. Não assim relativamente aos homens mais em evidencia do partido. Segundo todas as presunções com lord Rosebery estão M. Asquith, Sir Henry Fowler, sir Edward Grey, Mr. Haldane, isto para só fallar nos nomes de primeira grandeza. Em Asquith, sobretudo, o ex-catholico de nome que o grande ministro Gladstone tem por si um valor, que a todos se impõe. E elle provavelmente o futuro *leader* do novo partido na camara dos Communs.

Com sir Henry Campbell-Bannerman estão Mr. Labouchère, Mr. Lloyd-George, Mr. Morley e sir William Harcourt. Mas o valor parlamentar d'estes nomes está longe de igualar o dos que se acolheram à bandeira de lord Rosebery. Mr. Labouchère é um indisciplinado, incapaz de sujeitar a direcção politica de quem quer seja. O sr. John Morley, tambem um dos ex-ministros do ultimo governo de Gladstone, apesar das sympathias pessoais de que goza, e do prestigio que cerca o seu nome, deixou ha tempo a politica pela litteratura, e é duvidoso se tornará a occupar na primeira papel muito em evidencia. Resta sir William Harcourt. Possui verdadeiro valor, e pôde contar-se entre os liberais da velha escola. Tem, porém, dois senões, que muito diminuem o auxilio, que n'outras condições poderia prestar a sir Henry. Em primeiro lugar, está muito avançado em annos, e a sua grande idade não lhe permite já tomar parte activa na politica militante. Em segundo lugar, sir William Harcourt nunca se resignou a vér elevado à chefatura do partido liberal sir Henry Campbell-Bannerman, nem perdoou ao seu feliz rival o ter passado por cima do que elle considerava os seus incontestaveis direitos.

Assim, sob o ponto de vista do valor parlamentar, a fracção capitaneada por lord Rosebery leva decidida vantagem á outra na camara dos Communs. Na camara dos Lords não é facil por agora fazer prognosticos. No entanto basta ter n'essa camara assento o chefe dos liberais imperialistas, para que a situação do seu grupo ali esteja assegurada.

O grupo liberal orthodoxo, partidario da «pequena Inglaterra», em opposição ao nucleo que acaba de formar-se representante como os conservadores da «grande-Inglaterra imperialista», tem duas causas de fraqueza, que de antemão o condemnam a ser mais tarde ou mais cedo absorvido. A primeira d'estas causas é interna — relaciona-se com a situação especial do seu *leader*, personagem de segunda ordem, e evidentemente abaixo das responsabilidades que incumbem a um chefe de partido. A segunda causa é exterior — prende-se com o movimento geral da politica, tanto interna como externa. Querer fazer retrogradar a Inglaterra, — que é hoje um imperio a estender-se pelos dois hemispherios — á epocha modesta relativamente dos Cobden e dos John Bright, em que a nação tinha a sua principal base na Europa, não passa de anachronismo estreito e acanhado, que os factos se estão encarregando de julgar.

Um partido com semelhante ideal pôde merecer o respeito pela sua coherencia, mas está impossibilitado de dirigir os destinos da nação.

# Declarações d'amor



Ele — O meu amor é tanto que já não cabe em mim.  
Ella — Já é ser grande!



Ele — Decididamente nega-se a corresponder ao meu amor?  
Ella — Não, Dr., uma vez que arranjo um remédio contra a velhice.

# BRASIL—PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora  
Largo do Conde Barão, 50

Páginas supplementares: Off.ª Estevão Nunes & F.ª  
Rua d'Assumpção, 18 e 24

Directores

Augusto de Castello, Jayme Victor, Lorjô Tavares

Editor—Luiz Antonio Sanches

Redacção e administração—Rua de S. Roque, 125

End. telegraphico—BRATGUAL—LISBOA

REVISTA QUINZENAL ILUSTRADA

## ASSIGNATURAS

| ESTADOS UNIDOS DO BRASIL |                        | PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA | ESTRANGEIRO |
|--------------------------|------------------------|---------------------------|-------------|
| Numero avulso            | Moeda brasileira ..... | Anno .....                | Anno .....  |
| Año .....                | 36000                  | 6 mezes .....             | 7000        |
|                          | 2000                   | 2000                      | 4000        |
|                          |                        | 3 mezes .....             | 12500       |
|                          |                        | Numero avulso .....       | 3000        |
|                          |                        |                           |             |

## SUMMARY

José Baptista de Andrade.  
O brigue Corimba em Angola—HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA.  
O funeral do Almirante José Baptista de Andrade.  
Rua Marechal Floriano no Rio Grande do Sul (Brasil).  
O Centenario de Victor Hugo.  
Melodia (suíte para piano)—OSCAR DA SILVA.  
Espremedida em Lisboa—PINTO DE GARYLHO (TIPO).  
Pensamentos.  
Salões, Ateliers, Interiores—A casa do Conde de Sabugosa—ABEL BOTELHO.  
Politica Internacional—CONSULHIER PEDROS.  
Declarações d'amor (conto mudo) LOZ.

### 26 Illustrações

### PAGINAS SUPPLEMENTARES

Secção de annuncios.  
Album "Brasil-Portugal".  
Bom conselho.  
O nosso proximo numero.  
Cartaz da Quinzena.

### ANNUNCIOS

Os vinhos de Adriano Ramos Pinto.  
Almeida & Serpa Pinto—Porto.  
Vinhos Villar d Allen—Rio de Janeiro.  
Grande Hotel Metropole—Rio de Janeiro.  
Reis & Filhos—Porto.  
Escola Academica—Lisboa.  
J. Nunes Corrêa & C.—Lisboa.  
Hotel Durand—Lisboa.  
Cesar A. Poiva, dentista—Lisboa.  
Gabinete Hydrotherapico—Lisboa.  
Grandes Armazens Herminios—Porto.  
Vendo.  
Companhia Geral do Credito Predial—Lisboa.  
Dr. Alves Quintella.  
Livros Uteis e Instructivos—Lisboa.  
Casa Ancora—Manaos.  
Maison Nouvelle—Lisboa.  
H. Parry Sons—Lisboa.

Cunha & Irmão, joalheiros—Lisboa.  
La union y El Fenix Español.  
Dr. Oscar Leal—Lisboa.  
Bilhares de Precisão—Lisboa.  
Lemos & Filhos—Porto.  
Fabrica de Gravatas—Rio de Janeiro.  
Agencia Financiera de Portugal—Rio de Janeiro.  
Chapelaria da Moda—Lisboa.  
Casa José d'Oliveira—Lisboa.  
Águas de Carabaña—Lisboa.  
Pinto Alves & C.—Pernambuco.  
Companhia Antarcica Paulista—S. Paulo.  
José Silva & C.—S. Paulo.

No verso das photographias devem ser mencionados os nomes por extenso dos srs. assignantes, localidades em que residem, e profissões ou situação.  
A Empresa pede com empenho a maxima brevidade nas remessas das photographias afim de serem immediatamente reproduzidas pela photographura.

## O NOSSO PROXIMO NUMERO

O n.º 76 do *Brasil-Portugal*; abre com o retrato do grande orador, o conselheiro Antonio Candido Ribeiro da Costa.

Na collaboração d'esse numero figurará um delicioso conto da illustre escriptora D. Claudia de Campos (*Colette*), intitulado **A Alma de Thilda** expressamente escripto para a nossa revista, e illustrado com cinco gravuras.

## Bom conselho

— Como tu está abatido, rapaz!  
— Que queres? Loucuras... excessos... o diabo!...  
— Mas agora reparo... Tu estás forte, rijo, com boas côres. E eras tão fransio!  
— Cousas, meu velho. Faz como eu. Toma o **Chocolate Brasil**, que se fabrica no Moinho de Ouro, no Largo de S. Francisco do Rio de Janeiro.

## Album "BRASIL-PORTUGAL"

### Aviso aos srs. Assignantes

A Empresa do *Brasil-Portugal* resolveu dedicar aos seus assignantes de Portugal, possessores e estrangeiro, paginas especiaes, além das da Revista, que formarão mais tarde uma galeria curiosissima de retratos photo-gravura.

Assim, publicará, por grupos, os retratos dos assignantes da Revista que se contam por milhares, sem distincção de categorias.

Introduz-se d'esta fórma em Portugal uma innovação original e extremamente interessante, nunca até hoje adoptada na Europa, e o *Brasil-Portugal* tornar-se-ha em pouco tempo um album de valor, em que figurem as mais illustres e as mais modestas individualidades.

Representa um grande augmento de despeza, é certo, esta idéa. Mas ella não será impracticavel se a Empresa for secundada pelos srs. Assignantes do *Brasil-Portugal*. Esperamos, portanto, que os srs. assignantes enviem directemente a redacção da Revista, rua de S. Roque, 125, 1.ª, Lisboa, as respectivas photographias, e desde já agradeceremos.

Nota—As remessas devem ser registradas. Os retratos devem ser em cartão album.

Conselho d'Amigo...  
Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!



## Modas e confecções



Ultimas Novidades de Paris,  
Londres e Berlim

# ALMEIDA & SERPA PINTO

Succ.<sup>s</sup> de Almeida & C.<sup>a</sup>

**PORTO - PORTUGAL**

ATELIERS DE MODAS

dirigido por uma senhora franceza

PRACA CARLOS ALBERTO, 79

# VINHOS

## CHAMPAGNE

## VILLAR D'ALLEN

## VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

**AGENTES: JOAQUIM JOSÉ GONÇALVES & C.<sup>a</sup>**

Rua 1.º de Março, 59 — RIO DE JANEIRO

## GRANDE HOTEL METROPOLE

Incontestavelmente o primeiro do Rio de Janeiro

Gerente: CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

O **Metropole**, pelo seu conforto e situação pittoresca, é o hotel preferido por todos quantos chegam da Europa.

Bonds electricos dia e noite

A 5 minutos da Estação do CORCOVADO

Rua das Laranjeiras, 181

**RIO DE JANEIRO.**



# Cartaz da Quinzena

**N. Carlos.**—Em ensaios, o André Chemer, de Giordano.

**D. Amélia.**—Vae entrar em ensaios a peça em 3 actos *La maison* de Jorge Mitchell, traduzida por Lino d'Assumpção com o título *A casa Bonardon*.

|                        |                   |
|------------------------|-------------------|
| Claudio Bonardon.....  | Eduardo Brazão    |
| Parjolier.....         | João Rosa         |
| Egalisse.....          | Augusto Antunes   |
| Justino.....           | Antonio Pinheiro. |
| João Marsu.....        | Salles            |
| Um correiro.....       | Pereira           |
| Marianna Bonardon..... | Rosa Damasceno    |
| Mannette.....          | Carolina Falco    |
| Christiana.....        | Delphina Cruz     |
| Agostinha.....         | Elvira Santos     |
| Claudia.....           | Judith            |

Mas antes d'isso subirão á scena umas poucas de comédias em um acto para a festa artistica de João Rosa, que constituirão um espectáculo interessante.

*Os dois barcos*, um acto em verso de D. João da Câmara:

|                        |                |
|------------------------|----------------|
| A mãe do pescador..... | Carolina Falco |
| A noiva.....           | Rosa Damasceno |
| A mulher.....          | Maria Pia      |
| A filha.....           | Maria Ferreira |
| A tia.....             | Elvira         |
| A sobrinha.....        | Elvira Santos  |
| A engeitada.....       | Maria Falcão   |
| A Santa.....           | Laura Cruz     |
| A bruxa.....           | Delphina Cruz  |

*O Tio Pedro*, episodio tragico, em 1 acto de Marcelino Mesquita:

|                 |                |
|-----------------|----------------|
| Tio Pedro.....  | João Rosa      |
| Zé Pelo.....    | Alfredo Santos |
| Carlos.....     | Pinheiro       |
| João Ruivo..... | Sena           |

*A casa dos Cardeas*, um acto em verso, de Julio Dantas:

|                           |              |
|---------------------------|--------------|
| Cardenal Rufo.....        | Brazão       |
| Cardenal Montmorency..... | Augusto Rosa |
| Cardenal Gonzaga.....     | João Rosa    |

*Salto mortal*, reprise do acto de Lopes de Mendonça:

|                |                |
|----------------|----------------|
| Tia Maria..... | Carolina Falco |
| Tio João.....  | Gil            |
| Maria.....     | Maria Falcão   |
| O garoto.....  | Alves          |

E por ultimo, como chave de ouro, um monologo do espirituoso escriptor Eduardo Garrido, *Silencio calado*, pelo actor Alves. Este monologo tem como comparsas todos os artistas da companhia, desde o primeiro até ao ultimo, e n'elle figuram um padre, um militar, um proprietario, a mulher, a filha, a creada e varios convidados.

Augusto Rosa recitará um novo monologo original tambem de Eduardo Garrido *O grande Elias*.

**Trindade.**—Em ensaios para a festa do actor Queiroz uma opereta original do mesmo artista, com o título *As bodas de Joana*. Tem 3 actos e a musica é de Freitas Gazar.

**Gymnasio.**—Em ensaios a comedia *Os inquietos* do sr. Blondeau, 4 actos.

|                      |                     |
|----------------------|---------------------|
| Blondeau.....        | Cardoso             |
| Bonapier.....        | Ignacio             |
| Rifardini.....       | Telmo               |
| O Marquez.....       | Alexandre Ferreira  |
| Billardin.....       | Alves               |
| Dutilleul.....       | Sarmento            |
| Martin.....          | Antonio de Sousa    |
| Tancredo.....        | Salles              |
| Gustavo.....         | Guedes              |
| Madame Blondeau..... | Barbara Volckart    |
| Baronesa.....        | Josepha de Oliveira |
| Madame Bonapier..... | Adelia Soller       |
| Anna.....            | Palmyra Torres      |
| Bianca.....          | Isabel Berardi      |
| Marietta.....        | Palmyra Ferreira    |
| Florina.....         | Emilia Berardi      |

A 8 de março será a festa do actor Soler com duas peças ambas traduzidas pela actriz Emilia Eduarda, do Porto:

*Historia d'um crime*, em 3 actos:

|                              |              |
|------------------------------|--------------|
| Grantois.....                | Cardoso      |
| Marquês de Veupré.....       | Arnalbal     |
| Leão de Montigal.....        | Soler        |
| Coronel de Champeneau.....   | Ferreira     |
| Germano, creado.....         | Salles       |
| Commissario de policia.....  | A. Sousa     |
| Clara, irmã de Diana.....    | A. Coutinho  |
| Diana, esposa de Veupré..... | P. Torres    |
| Baroneza.....                | Josepha      |
| General.....                 | Sophia       |
| Viscondessa.....             | Adelia       |
| Seraphina, creada.....       | P. Ferreira. |

Agentes de policia

O 1.º acto acto passa-se em Saint-Mandé, arredor de Paris.

Os dois seguintes em Paris, arrabalde de Saint-Honoré.

*Of sentinella*, em 1 acto:

|                                   |           |
|-----------------------------------|-----------|
| Alfredo, es-guarda fiscal.....    | Annibal   |
| Leonardo, mestre carpinteiro..... | Leonardo  |
| e guarda fiscal reformado.....    | Sarmento  |
| Roberto, operario.....            | A. Sousa  |
| Rozinda.....                      | Adelia    |
| Florinda, sua sobrinha.....       | P. Torres |

Actualidade

**Avenida.**—O elenco completo da companhia portuense que vem dar uma serie de espectaculos emquanto a companhia de Sousa Bastos vae ao Porto, é o seguinte:

Alfonso Taveira, ensaiador; Ernesto Portulez, director de scena e segundo ensaiador; Nicolino

Milano e Luiz Filgueiras, maestros; Augusto Furtado e Augusto Lobato, secretarios da empresa.

Actrices: Emilia Eduarda, Thereza Mattos, Carmen Cardoso, Dolores Rentino, Maria Christina, Luiza de Oliveira, Maria Santos, Brígida Romero, Dalila Pereira, Monica Reis, e Adelaide da Conceição.

Actores: Taveira, Santinhos, Gaspar, Justino, Carlos Vianna, Conde, Duarte Silva, Carlos Santos, Portulez, França, Alfredo Neves, Ricardo Salgado, José Pedro, Gabriel Prata, e Antonio Paiva.

Debuta com a *Filha da Senhora Cángot*, seguindo-se *O nicles*, e *A bola de N'Ceve*, vaudeville novo para Lisboa, traducção de Accacio Antunes do *Plaisir d'amour*, de Foyer e Colier

**Principe Real.**—A revista do anno, original do sr. Baptista Diniz, que está em ensaios n'este theatro tem scenographia toda nova, pintada pelo sr. Eduardo Machado e Eduardo Reis.

**Colyseu dos Recreios.**—Inaugura os espectaculos da companhia lyrica no sabbado de alleluia. O elenco e o repertorio completo são estes:

Elenco

Soprano ligeiro, Izabella Svicher (recitas extraordinarias).

Soprano dramatico, Leonilde Gabbi.

Soprano lyrico, Bice Adami.

Soprano ligeiro, Adelina Tromben.

Mezzo-soprano, Clot Marchesini.

Contralto, Glorinda Pini Corsi.

Primeiros tenores: Carlos Cartica, Ottavio Frisini e Gianni Masin.

Primeiros barytonos, Giuseppe Borghi, Filippo Aldobrandi, Ferruccio Carradetti.

Primeiro barytono generico, Antonio Pini Corsi.

Primeiros baixos, Agostino Lanzoni e Baldassare Banquells.

Comprimario, Marcello Giusani.

Tenor comprimario, Giuseppe Tanci.

Baixo comprimario, Pietro Francalancia.

Maestro director d'orchestra, Vincenzo Petri.

Outro maestro, José Lorient.

Director de scena, Pablo Lorenzana.

Ponto, Felice Veschi.

Cincoenta costuras de ambos os sexos.

Corpo de baile, 1.ª bailarina, Soledad Menezes, e 12 bailarinas.

Cincoenta professores d'orchestra do Real Theatro de S. Carlos, 24 profesores da banda do mesmo theatro,

Repertorio

Além das operas de grande espectáculo cheneidas, cantam-se mais:

*Crispim e a Comadre*, *Dom Pascual*, *Elixir de amor*, *Filha do regimento*, *Hamlet*, *Lackmés*, *Linda*, *Lohengrin*, *Lombardos*, *Macbeth*, *Maestro di Capella*, *Manon*, *Mephistopheles*, *Mignon*, *Nabuco*, *Norma* e *Tosca*.



## JOALHERIA, BIJOUTERIA, OURIVESARIA

# REIS & FILHOS

## O maior e melhor sortimento em

### ARTE NOVA

## Relojoaria

## Objectos de Arte

## Pratas

Rua de Santo Antonio, 239

PORTO

# ESCOLA ACADEMICA

Instituída em 1 de outubro de 1847

**Fundador — Antonio Florencio dos Santos**

DIRECTOR E PROPRIETARIO

**Jayme Mau Perrin Santos**

Bacharel formado em Philoſophia e Medicina  
pela Universidade de Coimbra;  
Lente do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa  
Medico dos Hospitales Civis

INSPECTOR DOS ESTUDOS

**Antonio Dias de Sousa e Silva**

Bacharel formado em Philoſophia, com o curso  
de Mathematicas puras pela Universidade de Coimbra  
Curso Theologico no Seminario de Vizeu  
e Professor de Mathematica da Escola Academica desde 1874

Ensinam-se nesta Escola instrucção primaria, instrucção secundaria, periodo transitivo e curso geral dos lyceus, conforme o Regulamento de 14 de Agosto de 1895, havendo alem d'isso um curso commercial essencialmente pratico e completamente independente do curso geral dos lyceus.

As disciplinas que constituem este curso, e que são leccionadas em classes especiais e por professores especiais, são as seguintes, e distribuidas em 4 annos:

## CURSO COMMERCIAL

| 1.º Anno  | 2.º Anno  | 3.º Anno  | 4.º Anno  |
|---|---|---|---|
| Portuguez<br>Francez<br>Inglez<br>Allemao<br>Arithmetica e calculo commercial<br>Calligraphia<br>Pratica de escriptorio | Portuguez<br>Francez<br>Inglez<br>Allemao<br>Arithmetica e calculo commercial<br>Geographia geral<br>Calligraphia<br>Pratica de escriptorio | Francez<br>Inglez<br>Allemao<br>Arithmetica e calculo commercial<br>Historia patria<br>Geographia commercial<br>Physica e chimica elementar<br>Historia natural elementar<br>Calligraphia<br>Pratica de escriptorio | Francez<br>Inglez<br>Allemao<br>Exercicios de redacção e de conversação<br>Contabilidade geral e escripturação commercial<br>Materias primas e especies commerciaes<br>Elementos de economia politica e legislação commercial e aduaneira<br>Pratica de operações commerciaes |

O ensino pratico das linguas vivas começa na instrucção primaria, e nos quatro annos ha, em todas as aulas de linguas, exercicios de conversação, regularmente distribuidos por toda a semana.

Aos alumnos que concluirem este curso, se-lhes-ha passado pela Escola um certificado do curso, com as informações relativas á sua applicação, aproveitamento e procedimento.

Os horarios e mais disposições relativas a todos os cursos estão patentes no vestibulo da Escola e enviam-se pelo correio a quem os requisitar.

Lisboa e secretaria da «Escola Academica, 15 de Julho de 1901.

O DIRECTOR — **Mau Perrin Santos.**



## Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho

FORNECEDORES DA CASA REAL

**J. NUNES CORRÊA & C.ª**

ESPECIALIDADE D'UNIFORMES

Rua do Ouro, 40, 42 e 44: Rua de S. Julião, 120, 162, 164 e 166 — LISBOA

Primitivizam-se com a maior brevidade qualquer fornecimento e encomendas para exportação. — Atelier mechanico para confecção de uniformes. Garante-se em todas as encomendas a boa qualidade, perfeição e modicidade de preço

## HOTEL DURAND

English Hotel — Lisboa

1, Rua das Flores — Largo do Quilinoz

Este hotel, situado na parte mais central da cidade, oferece todas as comodidades de uma casa de primeira classe.



**CESAR A. PAIVA**  
CIRURGIÃO DENTISTA

em  
SUAS MAJESTADES E ALTEZAS  
CONSULTORIO

R. do Arsenal, 100, 1.ª  
LISBOA

## GABINETE HYDROTHERAPICO

do Dr. Mau Perrin Santos

Medic. Structures: J. Mau Perrin Santos

Inst. S. Silvestre d'Alameda

Instalação hydrotherapica completa; duas salas de douche para homens e mulheres, independentemente separadas e independentes; gabinete unico de electricidade e massagem; Massage e systematica medica, dirigida por C. de Sousa. Tratamento de doencas nervosas e do estomago.

Horas de 8 h ás 12 da manhã e das 3 h ás 5 da tarde

ENTRADAS: CALÇADA DO BUQUE, 20  
CALÇADA DA GLÓRIA, 18 LISBOA

## HERMINIOS

GRANDES ARMAZENS

2888 (Rua de St.º Antonio

Rua 36 de Bandeira, 39

Estabelecimentos dentro do mesmo predio. Casa montada sob a organização dos estabelecimentos congeneres do estrangeiro. Venda de todos os artigos indispensaveis

# VEADO

ESPECIALIDADES FUMOS EM PACOTINHOS E CIGARROS EM CARTEIRINHAS

## Companhia Geral do Credito Predial Portuguez

LISBOA — L. de Santo Antonio da Sé, 19

Emprestimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo — juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 1/2%, de 10 a 60 annos. Empréstimos de conta corrente: a juro de 5 1/2% e commissão de 1/2 1/2% de 1 a 9 annos. Depósitos: accitam-se a prazo ou á ordem, vencendo 2 1/2% á ordem e 3 1/2% ao prazo de 3 mezes; 3 1/2% á 6 e 4 1/2% ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto e a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.

Dr. Alves Quintella — R. de Gonçalo Christovam, 314,  
PORTO



Do mesmo auctor:

### LICOR DEPURATIVO VEGETAL IODADO DO DOUTOR QUINTELLA

Do conselho de S. Magestade D. Carlos 1.º de Portugal, medico dos Hospitales de St.ª Antónia e de creanças Maria Pia, do Porto.—Distincto nos cursos de Philosophia e Medicina, e premiado em varias exposições nacionaes e estrangeiras.

Este depurativo approved pela Directoria Geral de Saude Publica dos Estados Unidos do Brasil (sob o n.º 457) é o mais effizaz, até hoje conhecido, no tratamento das **doenças Syphiliticas, Escrofulosas, Rheumaticas, de Pelle,** e nas **Saturações mercuriaes.**

Enviã-se folhetos especiaes, em que se encontram innumerados casos de curas evidentemente authenticadas no tratamento d'estas doenças, a quem os reclamar do Deposito Universal, R. Gonçalo Christovam 314.—Porto (Portugal).

Estes preparados encontram-se á venda nas principaes Pharmacias de Portugal e Brasil.

Deposito principal no RIO DE JANEIRO:—José Cesar de Mattos

45, Rua Sete de Setembro, 45

## Livros uteis e instructivos

Grande redução nos preços primitivos do catalogo n.º 3, das edições da «Empresa Editora de Arthur da Silva», Rua dos Ouradores, 72—Lisboa.

|  |   |
|--|---|
| HISTORIA UNIVERSAL.—«C. Genta».—Desde a creação do mundo até á nossa epoca. Traduzida por Manoel Bernardes Branco, 13 volumes, in-4.º gr., 2.ª edição, com 5 950 pag., e 8 gravuras, br..... 98000<br>Em encad. inteira..... 153000                                      | HISTORIA DA AMERICA PORTUGUEZA (BRASIL).—«Sebastião de Rocha Pitta».—Desde o anno de 1500 até o de 1724.—Revista e annotada por J. Gomes Goes, in-8.º grande, 2.ª edição de texto 423 pag. e com 10 grav. e um mappa, broch..... 27000<br>Em 1/2 encad. franceza..... 12000 |
| OS ULTIMOS TRINTA ANNOS, 1828 a 1858.—«C. Genta».—Versão pelo visconde de Castilho—in-8.º, com 512 paginas e retrato do autor, br..... 500   | BENEFICIA DAS FAMILIAS TITULARES E GRANDES DE PORTUGAL.—«Silveira Pinto e Visconde de Sanches de Balsa».—2 vol. in-4.º grande, com 1249 pag., edição de luxo, com brazes de armas no texto, br..... 90000<br>Em 1/2, chagrin, capa especial..... 11000                      |
| Em encad. inteira on 1/2 inglesa..... 800  | O ENGENHOSO FIDALGO D. QUIXOTE DE LA-MANGA.—«D. Miguel de Cervantes Saavedra».—Versão do Visconde de Benicantir, 2 vol. in-8.º com 1121 pag., e 31 grav., broch..... 28000<br>Em 1/2, encad. franceza..... 72000  |
| DICCIONARIO ENCYCLOPEDICO OU NOVO DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA.—«D. José M. A. G. de Lacerda».—Daccionario de synonymos.—Vocabulario da lingua Brasileira, on Tupy.—Vocabulario do dialeto Guarany, 2 vol. in-folio, 3.ª edição, com 2 480 pag. enc. int..... 120000 | OS SERTÕES D'AFRICA.—«Alfredo Sarmiento».—Apontamentos de viagem, in-8.º, com 231 pag., e 15 grav. e 1 mappa do Ambriz, br..... 300<br>Em 1/2, encad. franceza..... 500   |
| Em encad. inteira on 1/2 franceza..... 120000  |   |
| Em 1/2, encad. franceza..... 120000  |   |



### Bilhars de precisão

COM A CELEBRE TABELLA AMERICANA

MONARCH

Pannos, Tacos, Bolas e todos os accessorios

Jogos diversos de novidade—Cartas, Tantas e Fizas para todos os jogos

Viuva de José Alexandre de Senaa

48—Rua Nova do Almada—29

CASA FUNDADA EM 1854

LISBOA

Peçam o catalogo illustrado

Dr. Oscar Leal.—Especialista em doenças da bocca, obstrução de dentes e correção das deformidades nasas. Consultorio de 1.º andar á RUA DO CARMO, 35, 1.º (COSTADO)

## CASA ANCORA MESQUITA & MACHADO IMPORTAÇÃO DIRECTA

Grande sortimento e variedade de artigos. O primeiro ponto de reunião de Mandós

RUA MARQUEZ DE SANTA CRUZ

E RUA MARECHAL DEODORO

MANAOS

MAISON NOUVELLE



MAISON NOUVELLE

Modas e Confeccões

Com atelier de modista e alfayate

ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO

Rua do Carmo, 68 a 72 — Quina das escadinhas de Santa Justa

## H. PARRY & SON

Construção de navios de ferro e aço

Caldeiras e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

LISBOA

## DRACAS DE REPARAÇÃO EM CACILHAS

ESTABEIRO NO GINJAL



Cunha & Irmão

JOALHEIROS

Objectos de fino gosto em ouro, jóias e pratas

199, RUA AUREA, 201

LISBOA

LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL  
Capital social 2.400.000\$000 réis

15.000.000\$000

De dividendos pagos desde 1864 até 1895

PREMIO E RESERVA 5.832.000\$000

Seguros contra incendio, explosão de gas ou raios

Equiretor Atlantico & Union Maritima

Compañias francesas contra os raios maritimos e risco de transporte de qualquer mercancia.

Directores—Lina Maye & Filhos.

LISBOA—Rua da Prata, 59, 2.º

## Almanach do "Brasil-Portugal,, para 1903

Recebem-se desde já annuncios para este Almanach na Rua de S. Roque, 125, 1.º andar.

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS &amp; FILHOS

## FOSFIODOGLICINA

DE

**Lemos & Filhos**

Superior ao óleo de fígado de bacalhan,  
Superior ás emulsões oleosas,  
Superior a todos os depurativos,

na cura das Escrophulas, Rachitismo,  
Lymphatismo e Tysica incipiente

Medicamento e alimento, este producto dá resultados seguros e rapidos no tratamento das doenças acima indicadas, quer em creanças quer em adultos. É agradável á vista, ao olphato e ao paladar. Tem a opinião favoravel de professores da Escola Medica, directores dos hospitaes, asylos e dispensarios, notaveis medicos eminentes especialistas.

Ensaado com exito seguro em todas as casas de beneficencia do Porto.

## MARCA E NOME REGISTRADOS

Frasco, 600 réis; caixa de 6 frascos, 34300 réis; caixa de 12 frascos, 68200 réis.

PRODUCTO EXCLUSIVO DA

Pharmacia de 1.ª classe, Lemos &amp; Filhos, Porto

Telephone 309

31, PRAÇA DE CARLOS ALBERTO, 31-A

Cuidado com as Imitações e fraudes

A' venda em todas as boas pharmacias e drogarias do paiz

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS &amp; FILHOS



## Agencia Financial

DE

PORTUGAL

Rua General Camara—RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da dívida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

## Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THEOURO PORTUGUEZ) em todas as capitães de districto e sédes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

## O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.



Exportadores  
para todos os Estados  
do Brasil

Officinas montadas  
com todos os melhoramentos  
modernos

AGENCIA  
EM  
TODOS OS ESTADOS

TELEGRAPHAS  
PINTO EIRO  
Calle de Cerreia-491

101, RUA DO HOSPICIO, 101  
RIO DE JANEIRO

# CHAPELARIA DA MODA

DE

## JOÃO ALVES DA COSTA

32, Rua Garrett, 34-(Chiado)

LISBOA

Completo sortimento de chapues e bonnets  
para homem e creança, nacionaes e estrangeiros,  
em seda, feltro e palha.  
chapues CLAQUES, ditos para fardas, librés, etc.

DEPOSITO das agnas minero-medicinaes de MONDARIZ

## CANDIGIROS

Em todos os generos

Canalisações para agua e gas

Tubos de chumbo,  
borracha, lona, latão e ferro  
Louca de ferro esmaltado  
Retretos de varios sistemas  
Objectos  
proprios para brindes

Casa José d'Oliveira

21, 22, L. S. DOMINGOS, 23, 24  
LISBOA



# PINTO ALVES & C.<sup>A</sup>

(Casa fundada em 1870)

## PERNAMBUCO

Armazem de assucar

Estivas e Cereaes

COMISSOES E CONSIGNAÇÕES

Caixa postal 44

Endereço telegraphico

PINTALVES

## COMPANHIA ANTARCTICA PAULISTA



(Vista da Fabrica)

A melhor cerveja conhecida no Brasil

Lager — Pilsener — München — Stout (preta)

Agentes: em Santos = I. KIAUNIG.  
em Campinas = B. F. NEGRÃO.  
no Rio de Janeiro = F. W. KRAUSE, rua da Alfandega, 56

Agentes geraes — **Zerrenner Bülow & C.<sup>a</sup>** — Rua de S. Bento, 81 — S. PAULO

Fabrica em Agua Branca

Escritorio — Rua Formosa, 1

# JOSE SILVA & C.<sup>A</sup>



Casa fundada em 1879

GRANDE DIPLOMA DE HONRA

DA EXPOSIÇÃO DO 4.º CENTENARIO

CASA MATRIZ E FABRICA

R. de S. Pedro, 38, 42 e 44

Esquina da

RUA DA QUITANDA

RIO DE JANEIRO



FILIAL

EM S. PAULO

Rua Florencio de Abreu, 34



Casa matriz — RIO

Unico estabelecimento  
no Rio de Janeiro  
com officinas para fabrico  
de arreios  
de qualquer qualidade



COUROS,  
ARREIOS  
E ARTIGOS  
PARA VIAGEM

Importação  
de couros, e de  
todos os artigos  
para  
selleiros, correeiros,  
segeiros  
e sapateiros



Casa filial — S. PAULO